

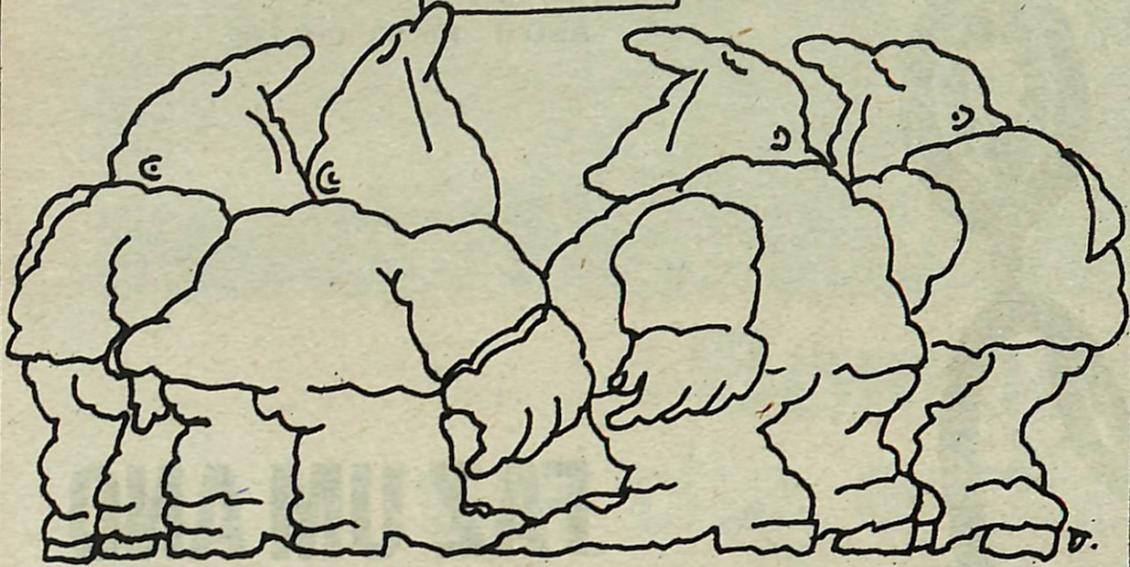
JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 5 A 11 DE JULHO DE 1976

ANO II No. 53 Cr\$ 2,00

**FAZ UM ANO
QUE VOCÊ
ESTA SABENDO
DAS COISAS.**





Falando para o mundo!

Erazê Martinho

Machado de Assis (seria ele mesmo, Muza?) valia-se de uma imagem para satirizar o cabotismo: "Modesto como um jornal de interior".

E como tinha razão, o mulato.

Aqui, ao meu lado, está o número 1 do **Jornal de 2a.**, atrevido a partir da capa: um gigantesco dedo apontando para a fuça do leitor, um baloon dizendo "Você vai saber das coisas".

Nas chamadas de capa, uma especialmente atrevida: "abrimos o 2o. centenário da imprensa local".

E, entre as oito páginas do jornaleco, dois artigos transbordando conceitos e sentenças: "A gestão pública: séria? conveniente? eficiente?" e "Comentário sobre o exercício do poder".

Foi assim, com toda essa "modéstia", que o **Jornal de 2a.** apareceu pela primeira vez nas bancas de jornais da cidade. Estávamos na semana de 7 a 13 de julho de 1975, exatamente há um ano.

Quem foram os nossos primeiros leitores? Obviamente, nós mesmos, exultantes em vermos realizado um projeto tão discutido, tão necessário numa época em que a pressão econômica (de um lado) e a ganância (de outro) transformavam em cor-de-mel todas as notícias a respeito da administração pública municipal.

Depois de nós, os outros leitores do **J2a.** foram, com certeza, os nossos amigos, acústica indispensável para que a nossa voz pudesse reverberar e atingir os ouvidos e consciências moucos daqueles que estavam apenas vendo a banda passar.

Finalmente, uma terceira categoria de leitores: os denunciados. Alguns, correndo com o jornaleco debaixo do braço em direção às auto-

ridades maiores, numa tentativa de nos entregar como subversivos (os Iscariotes gratuitos, pobres diabos). Outros, lendo às escondidas, sentindo as ferroadas e fingindo um dar-de-ombros (os paranóicos, pobres doentes). E outros, ainda que sabendo-se atingidos, segregavam o líquido escuro de sua pseudo-honradez, numa tentativa de escapar à vergonha que suas próprias consciências denunciavam (os pobres e decadentes polvos do Sistema).

Hoje, passado um ano, o quadro já é bem outro.

Entre nós, houve quem se afastasse, levado pelas coisas da vida. Que a vida lhe seja leve.

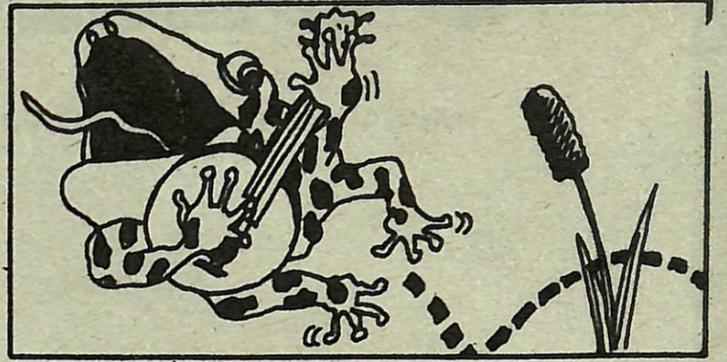
Os amigos, por sua vez, aumentaram e hoje um exército de consciências nos ouve e reverbera nossas denúncias pelos cantos da cidade, pelas páginas de jornais de São Paulo, até mesmo na mais alta casa de Leis do país.

Mas é entre a terceira categoria, os denunciados, que o quadro sofreu as maiores alterações. Os Judas já ninguém os ouve e não está restando a eles outra alternativa senão a corda da sua própria pequenez. Os paranóicos adoidaram de vez e estão deitando falação, mas suas vozes, roucas de compromissos sussurados, são ouvidas apenas por uma corte que está se agarrando à saia do rei, temerosa de que o povo invada o palácio. Finalmente, os polvos aguardam apenas que seus nomes sejam incluídos no novo cardápio, eles que já nasceram para serem consumidos.

Quanto ao jornaleco, continua o mesmo: atrevido, dedo apontado para as fuças dos vilões, dizendo as coisas que você precisa saber.

E tentando mudar o mundo, que modéstia nunca nos faltará.

CANTO CHORADO



A Convenção da Arena vem aí.

E com ela, o boato super-quente de que os papáveis são mesmo aqueles de quem se vem falando, ou sejam o Rubens, o Reis e o Fávoro.

Em consequência, outro "peixe" vem sendo pescado pela rua: Seu Pereira, como fez com os "miningildos" da colenda, vai comprar os convencionais. Essa prática lhe daria o privilégio de comandar as três sublegendas, quando seriam, então, aliados do páreo os dois parceiros mais velozes, isto é, o Rubens e o Fávoro.

Como costuma dizer o Sílvio Santos, quem tem dinheiro pode comprar. E seu Pereira é o Tio Patinhas da cidade.

O fato de ser o "lanterna" do diretório não o impediu de situar-se na sublegenda número um, já que, como fiéis fraldiqueiros, os "miningildos", também chamados de "maioria alinhada", dão-lhe a posição de vanguarda.

Daí, porém, a poder aliciar com moeda sonante ou vantagens especiais os votantes que lhe faltam é coisa p'ra se por em dúvida.

Verdade seja dita, como já asseverou Forjaz Sampaio nas suas "Palavras Cínicas", que todo o gajo tem seu preço. E os "miningildos" foram negociados a preço de banana.

No caso, entretanto, o jargão não se aplica. Os votantes da Convenção foram escolhidos a dedo. O que pode acontecer, isso sim, é que alguns dos "alinhados", com a versatilidade que os caracteriza, acabem "pegando o pé" de seu Pereira. Cara p'ra isso eles têm. A dificuldade está em que, (e eles sabem disso,) correm o risco de não ser bem recebidos do lado de cá.

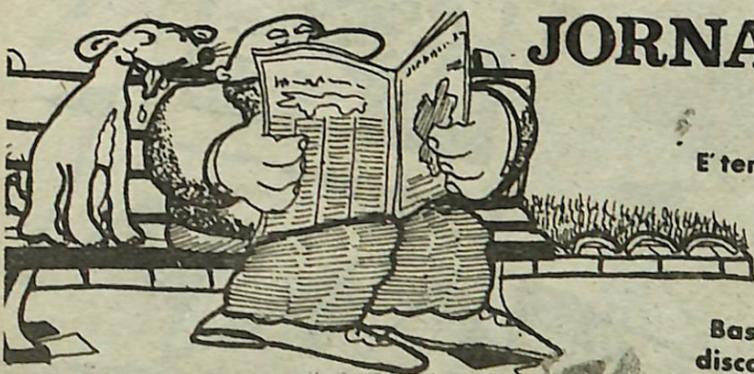
Não se deixe o povo, pois, entrar na onda dos boatos circulantes. Seu Pereira pode tirar o cavalo da chuva porque não vai comer o bocado que os outros fizeram. Quer dizer, não vai comprar mais ninguém. Tem mesmo que ficar só com a sua fatia semirustida. E olhe lá, se pestanejar o Nassib come a parte do Reis. Na curriola dos "chupetas" tem muita gente dizendo que é menos pesado carregar prata da casa. Ademais, aquela "assuciação" Reis-Pereira tem dado muito o que falar. Isso de perseguir procissões com ares de Madalena arrependida já não pega. O tempo dos bobos já passou e com ele vem chegando o crepúsculo dos "chupetas".

Se tudo compra o dinheiro
Se o Pereira é quem o tem
Comprados os "miningildos"
E os "chupetas" também
Não há mais o que comprar
Acabaram-se os rebotalhos
Os que sobram p'ra votar
Não se prestam p'ra bandalhos

Simão

Leia e assine o JORNAL DE 2ª.

É tempo de saber das coisas.



Basta discar 4-2759

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1044 - Fone - 4-2759
Redator Chefe: Carlos Veiga
Ilustrações: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue
Impressão: Departamento de Off-Set do "Diário do Povo" - Campinas

Elcio Vargas

Parabéns a vocês!!!

A efeméride de hoje assinala o transcurso do primeiro ano na vida deste jornal.

O que foram as 52 semanas percorridas não poderiam aqui ser descritas com a devida justiça ao estoicismo e ao espírito público dos seus intrépidos precursores.

O canhenho da história, entretanto, os guardará imarcessíveis como autênticos arautos da resistência contra o despotismo e os desvarios de uma conjuntura política tisonada pelo laivo da banalheira e do oportunismo.

Não vão vitupérios nesta afirmativa, porque infelizmente não fizemos parte dessa esplêndida conjura. Dessa esplêndida conjura tanto mais desassombada e extraordinária quando se vê, com inconformada melancolia, que potenciais econômico-financeiros que sempre se houveram como expoentes de acoroçamento às iniciativas que mais diretamente implicam o interesse comunitário, se esquivarem a uma participação estimulante do nosso continuismo, cruzando os braços, cegos, surdos e mudos aos mais angustiantes problemas da cidade. O seu batel — dir-se-á — é frágil demais para flutuar sobre o mar encapelado das reivindicações populares.

Esse ônus, peculiar a todos quantos, sem pensar em si, esposam a causa da cidade e sua gente, torna mais valorizada a luta que as vicissitudes e os percalços encontrados no caminho não lograram esmorecer. A luta é o apanágio dos fortes. Ao seu ensejo, a porfia à bravura é uma constante. Parabéns para eles!!!

A hora mais escura é a que precede a aurora. Está vencido o primeiro ano e com ele esmagado o vaticínio funesto dos derrotistas.

O "Jornal de 2a." enceta, no dia de hoje, uma etapa nova.

O propósitos são os mesmos que o trouxeram à luz. Devolver ao povo a voz que vinha sendo sufocada pela força imponderável do seu próprio dinheiro desastrosamente malbaratado.

O nosso anseio e a nossa fé nos destinos do município são para nós como um bálsamo revigorante ao desânimo que porventura nos possam trazer os comodistas e os indefectíveis aproveitadores da situação. Não nos move a idéia do lucro e isso torna mais obstinado o nosso trabalho.

Entramos na nova fase confiantes em que, passada a borrasca, possamos plagiar o nosso brasão para dizer — graças a nós, também, Jundiáí tem o governo que merece.

REQUERIMENTO AO PREFEITO-S/Nº

Virgilio Torricelli

Estamos em festa. Na verdade chegamos a um ano de circulação deixa muita gente surpresa, especialmente aquelas pessoas que tinham este jornal como coisa de descontentes e frustrados.

O assunto vai acabar. O Jornal não aguenta. Os homens que estão à sua frente, não terão fôlego. O Prefeito é muito forte, tem as costas quentes. Era o que se ouvia a todo instante. Não faltaram os que afirmavam a suspensão pura e simples da circulação de já hoje "Segundão". Os fatos estão aí. Jamais fomos incomodados por quem quer que fosse. Trabalhamos como trabalham os que acreditam na democracia. Agimos com inteira liberdade. É claro que com responsabilidade.

A única coisa que sentimos e é uma pena, existirem ainda em posição de importância, homens amorfos, omissos, medrosos e incapazes de uma atitude mais ativa na defesa do que é seu, do que é de todos. Quedam-se como que tudo ao redor se consubstanciasse no interesse de sua paz particular ou do interesse mais perto.

Mas a tribuna está aqui, de pé, por prazo indeterminado. Podem estar certos de que o será pelo tempo necessário. Por estarmos comemorando o primeiro aniversário, e,

Considerando que o Jornal de Segunda Feira está disposto a continuar proporcionando ao leitor jundiáense noticiário de elevado interesse comunitário;

Considerando que o estímulo que recebemos de inúmeros cidadãos é fator auspicioso e relevante na convicção que temos de estar no caminho certo;

Considerando que até nas piores circunstâncias é possível obter algo de positivo;

REQUEREMOS ao sr. Prefeito Municipal, digne-se registrar nossos agradecimentos pela oportunidade que nos deu de ficar conhecendo melhor e conviver com alguns homens desta cidade, da elevada categoria intelectual e moral, homens de verdade que marcam uma posição por demais importante no presente, com repercussões inegáveis no futuro desta terra que tanto prezamos.



Repercussão acima da esperada teve a notícia da possível candidatura Nassib Cury à prefeitura, numa das sublegendas da Arena. Tanto pelo nome do candidato, quanto pela perspectiva de clareamento da situação do partido, cujo eleitorado já anda cansado de tanta especulação — é o que concluem os observadores.

#

Dos candidatos opocionistas, Cid Ognibene é o que mais tem trabalhado, especialmente junto ao eleitorado das chamadas "bases", ou seja, os moradores da periferia.

Segundo os entendidos, o candidato-médico do MDB estaria firmando posições junto a um eleitorado que, além de decisivo, não tem nenhuma das restrições que o eleitor do Centro pode ter com relação ao seu nome.

#

Pedro Fávaro tem insistido na tese de que "em eleições municipais, não tem importância o partido a que o candidato pertence". Essa é uma tentativa de Fávaro em diminuir o pesado fardo de pertencer ao partido do prefeito, partido que aprovou os absurdos empréstimos para o asfalto-saúde.

#

Depois de quase quatro anos de ausência física e administrativa, o prefeito Cruz está de volta aos bairros, de casa em casa, explicando as "grandes obras" que pretende realizar até o fim do seu mandato.

Essa peregrinação faz parte da campanha em favor do seu sócio, Arnaldo Reis, para a sucessão municipal: eleito Arnaldo, paz com Ibis.

#

Segundo a maioria dos analistas, o MDB deverá eleger, pelo menos, dez vereadores à Câmara Municipal, em novembro.

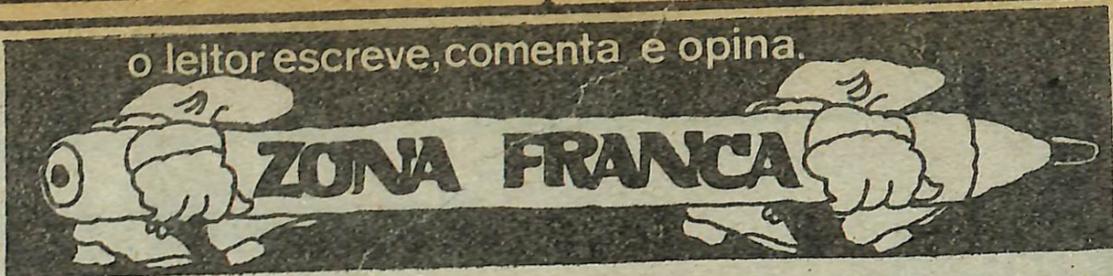
Explicação: o povo ainda está descontente. E votará novamente na legenda da oposição.

#

Segundo informações obtidas na Vila Alvorada, o candidato a vereador Tarcísio Germano de Lemos (MDB) estaria vinculando seu nome ao de Pedro Fávaro (Arena), nos redutos em que o ex-prefeito tem base eleitoral.

Se confirmada a notícia, fica provado que o MDB, pelo menos em relação aos candidatos à vereança, não está tão coeso quanto apregoa.

o leitor escreve, comenta e opina.



A LEITORA RECLAMA

Sr: Sendo uma leitora cons-tante e apreciadora deste sema-nário, achei falta, no último número, de uma coluna bastan-te agradável. Trata-se da reda-tora Célia.

Nas suas indicações de me-lhores filmes e livros, fiquei conhecendo os atuias direto-res de cinema. Invejando a ob-servação desta simpatia, que já tive oportunidade de conhecer, passei, e acredito que muitos leitores, a prestar mais atenção nas letras e melodias das músic-as nacionais. "Você cortou o barato do nosso amor". Realmente é o fim, e muita gente adora o Benito de Paula sem observar suas falhas lamentá-veis, como esta.

Quem não gostaria de ex-pressar o que vê: o **Mortinho da Vila**. Somente mesmo ela, com sua inteligência e capacidade teve esta idéia. Entre outras ge-nialidades que faz e incentivos que ela dá para nós, jovens, não podemos de forma alguma de-ixar de ler sua coluna seman-almente e, conseqüentemente, achar a falta de sua análise. Considero todo "o jornal"

de ótimo nível, uma categoria de leitura que Jundiaí estava precisando urgentemente. Entretanto, para mim, que me considero normal, aprecio a po-lítica e gosto de ficar sabendo das drásticas medidas de nossa atual administração, se assim pudermos chamar, com uma restrição, acho que também são importantes matérias do tipo de Célia e outras, como as curiosidades, fotografia, histó-ria dos clubes, agora coluna social, cobertura de várias mo-dalidades de esportes.

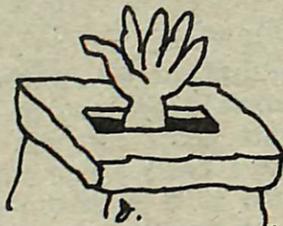
Achando-me no direito de perguntar se foi tirada sua colu-na, esperarei através da Zona Franca, alguma resposta.

Obrigado pela atenção e parabéns pela meta de todos os colaboradores, melhorar o ní-vel da comunicação jundieense despertando o povo para defen-der o que é seu.

Marilda Chances de Oliveira Prado.

A ausência de Célia, Mari, é um problema, como ela mes-ma diria, de baixo astral.

A PREOCUPAÇÃO COM A VIDA DO JORNAL



"Eu ia assinar esse jornal aí mas um amigo meu me pre-veniu, dizendo que ele só vai durar até as eleições. É ver-dade? A.M. Fligas

Quem vai durar até as eleições: o jornal ou o seu a-migo? Seja mais claro.

Gostaríamos de saber se os senhores vão continuar publicando o **Jornal de 2a.** depois das eleições. Ouvimos comentários de que..." Três assinaturas.

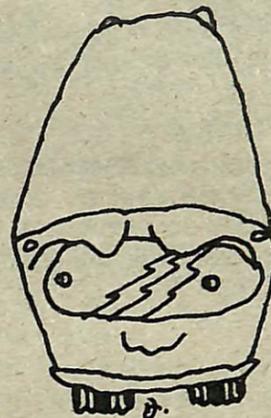
Nós também ouvimos, mas até agora não fomos informados a respeito. Até segunda ordem, a idéia é fa-zer algo mais amplo a partir do ano que vem. Dá pra en-tender?

"Aposto um milhão co-mo os senhores só vão publi-car esse jornaleco aí até o fim do ano. Depois..." Anô-nimo.

A senhora (ou será foi homem mesmo que mandou a carta?) está arriscando muito dinheiro...

O LEITOR QUER OS TAXIS MAIS PERTO DA NOVA RODOVIÁRIA

"Não morro de amores por esse jornal, mas devo re-colhecer que pelo menos com os senho-res eu posso desabafar. Não consigo enten-der como os responsáveis pela adminis-tração da ro-doviária, ou os encarregados da regulamen-tação de táxis sei lá, ainda não percebe-ram a neces-sidade de se resolver um pro-blema que atenta contra os principios mais elementares da inteligência humana.



Mas agora que o movimento maior é no ou-tro lado da pra-ça, creio que seria mais ra-cional mudar o ponto para mais perto da-li Quem sente o proble-ma na carne são os passa-geiros que de-sembarcam em Jundiaí em dias de chuvas e são obriga-dos a fazer um teste de Co-oper até o pon-

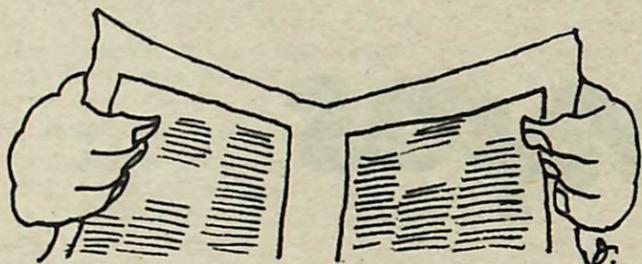
to que, por sinal, não tem a-brigo para a gente se proteger.

O senhor não sabe que um testezinho de Cooper de vez em quando é bom para a saúde, assim como, segundo certa autoridade municipal, o asfalto é uma obra comple-mentar ao saneamento, pois evita o pó, a lama, os bura-cos, preservando a saúde dos moradores nas ruas benefi-ciadas? Mexa-se.

O SR. ALFREDO NÃO GOSTOU DO NOME DA TORCIDA

"Achei simpática a idéia dessa rapaziada que fundou a torcida uniformizada do Pau-lista F.C., mas não gostei do nome. Por que Gamor? Alfredo Sinottin Segundo os organizadores

da torcida, sr. Alfredo, Ga-mor quer dizer "Galo mais amor". Mas o senhor pode dizer apenas "torcida" unifor-mizada do Paulista. Garanti-mos que os rapazes não vão achar ruim.



IMAGENS

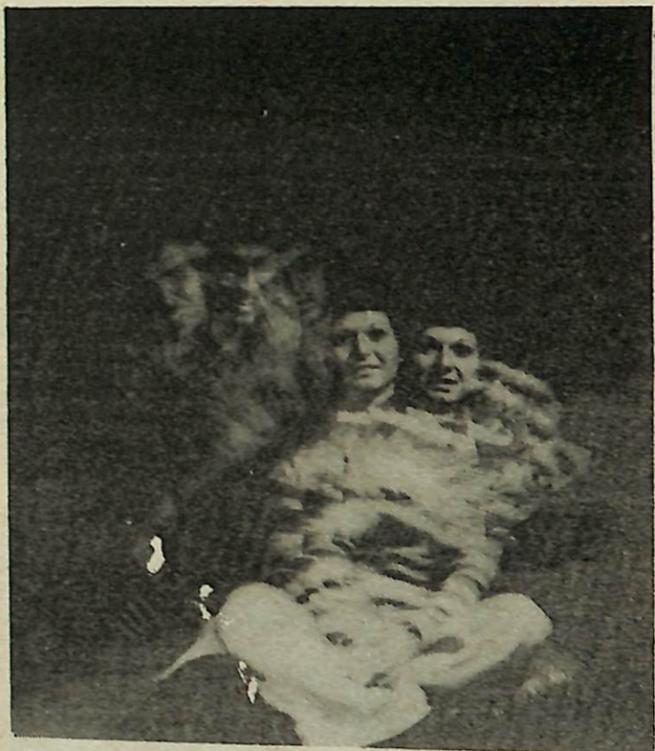


Foto de José Donizete Picini
Asahi Pentax
Filme Plus X 125 ASA
f.4 vel. 2 seg.

ASSINE O JORNAL DE 2ª

Basta preencher os dados abaixo e enviar para a rua Senador Fonseca, 1044 - Jundiaí

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado.....

Anual - Cr\$ 120,00

Semestral - Cr\$ 70,00

Anexe um cheque nominal a favor de Editora Japi Ltda.

ADVOCACIA

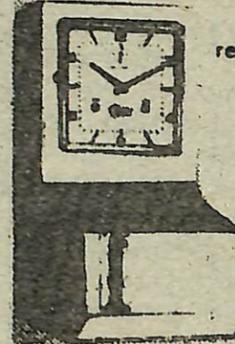
Dr. André Benassi
Dr. Randal J. Garcia

ESCRITÓRIO

RUA BARÃO, 873
TELEFONE 4.3899

JUNDIAÍ-SP

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL



revendedor autorizado
em Jundiaí:

COMERCIAL

PANIZZA
LTDA.

BARÃO-427
FONE: 6-8231

Oi o trem...

Eu já contei que o Faustão foi para São Paulo? E qu'ele, mal chegando caiu no conto do vigário? E lhe tomaram nove mil réis, um dinheirão naqueles tempos, ficando sem um tostão? Pois contei. E ele foi levado para a delegacia por dois soldados como se ele fosse o ladrão; para prestar declarações. Lá chegando, puseram-no numa sala onde o único mobiliário era de bancos ao redor, ao longo das quatro paredes.

— Seu delegado e mais o escrivão saíram para uma diligência. Espere aí.

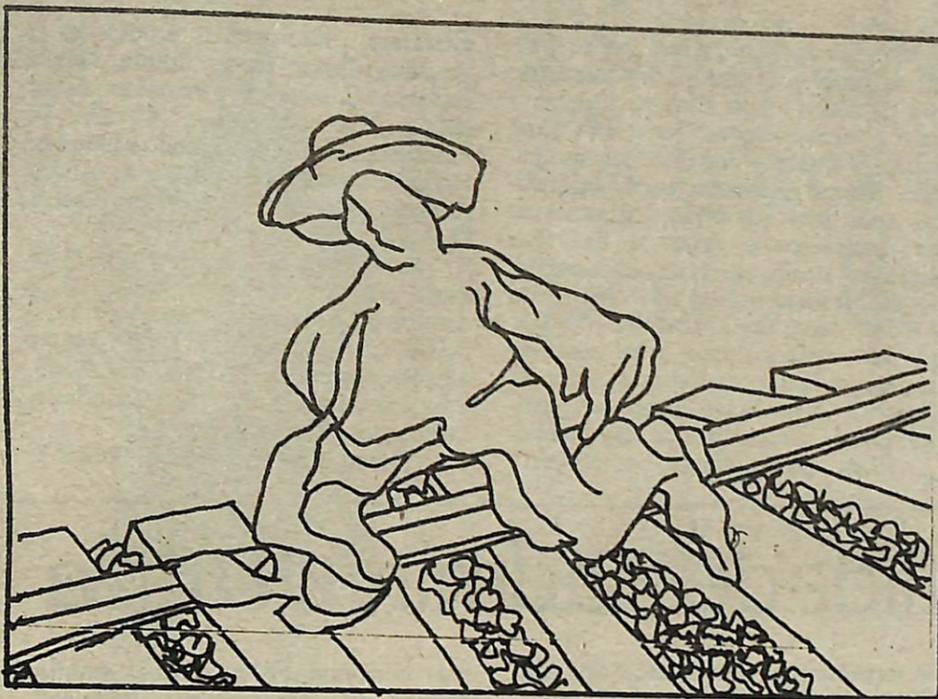
E ali ficou. Um tempão. Ouviu o "Angelus" soando no sino de uma igreja próxima. Persignou-se e rezou. Nunca sentira tanta necessidade de rezar. Ciciou uma "ave-maria" e ficou ali sozinho. Não por muito tempo, que logo trouxeram um bêbado. Mesmo com o bêbado, continuou só, pois o tal ferrou no sono. E chegaram outras pessoas, à muque. E a sala foi se enchendo, e o dia foi sumindo na noite, qu'era vista através de uma janelica de grades, lá em riba. Depressa aprendeu que aquela porta do canto era o lugar das necessidades. Na roça iam atrás da bananeira ou da touceira de cana. Na vila aprenderam a ir na casinha, que era muito feio chamar de latrina; ainda hoje tem vergonha de falar "privada".

— Me dá licença de usar o seu toalete. E ali na delegacia, gente mais descarada, escreveram na porta: Privada. Bexiga pra rebentar, não teve jeito. Foi. O fedô era de não se aguentar, e no chão o aguaceiro fedido subia quase aos tornozelos.

Lembrou-se da vila, onde à tardinha, quase noite, ia bater uma truçada no Bar do Vicente. E lá também tinha a tal privada. Fedorenta e suja como aquela. Mil vezes a touceira de cana da roça, qu'era até muito limpa, as galinhas comiam tudo; atrevidas, as vezes vinham comer do quentinho, ali no nascedouro.

A porta da privada do Bar, quando fechada ficava pertico do tal que tivesse sentado na sentina. Naqueles tempos os poetas que não sabiam rima e nem métrica, inventaram a tal poesia moderna, cubista ou sei lá. E o Faustão lembrou da poesia — que algum caixeiro-viajante — poeta modernista lá deixara.

Por favor, que as mocinhas, as senhoras e as crianças não leiam o que vou escrever, morro de vergonha, mas que fazer s'era isto que o Faustão tava lembrando naquele momento triste? Lá vai:



Privada.

Desgraçada.

Esta do Amigo Vicente.

A gente não c... nela

É ela!

Que c.... na gente.

Faustão "sirriu" e voltou pra sala, já bem cheia. A noite, nestas alturas, estava velha de anos, seriam mais de 9 horas? Não sabia. Não sabia também que a polícia prendia senhoras, pois ali estavam treis. As senhoras estavam brabas, até diziam uns nomes feios. Pudera, ele também, que não tinha tal costume, já tava dizendo suas feiuras. Mas os nomes qu'elas diziam ele nunca tinha escutado. E nesse momento começou o freje. Um fortudo falou pr'uma das donas:

— Cale essa boca suja!

— Num calo! Suja é a ...

O tapa estalou, ela caiu de redondo e Faustão que nunca vira homem bater em mulher... quer dizer, Deus fez na mulher e nas crianças o lugar certo pra apanhar. Nesse momento o homem tinha lascado uma botinada na tal. Vai daí, Faustão levantou-se e murmurou a medo um protesto:

— Eh! home, pére aí...

E o homão, pááá, lascou um murro bem no estamo do Faustão. A dor foi uma daquelas de valei-me minha nossa, os zóio já turvo, Faustão viu a cabeça do homem já s'erguendo. Nem pensou: lascou um murro no cóco do tal. Não aquele soco estilizado de cinema: aquele da truçada, mão fechada fazendo a mesa pular.

— Tome seis, ladrão!

E o homão foi caindo, caiu. Até qu'ele não batera com muita força. Olhou as mãos...

Atraídos pelo banzé, entraram os soldados. Só o homem no chão:

— Que qué isto aqui?

Alguém explicou:

— Ele se alevantô, gritô e caiu... deu-lhe o strumbico...

— Vamo levá ele pro boticário... tará morto?

Arrastaram-no. Sumiram-se pela porta arrastando o tal. Faustão, mais calmo, voltou a olhar suas mãos. Mãos enormes e calosas. Enormes e nodosas. E lembrou-se: numa feita ainda na roça de madrugada, pegara o burro "fermoso" pr'atrelá-lo no arado. Tinha-lhe enlaçado a coalheira e não conseguia engatar o balancim. O tal do "fermoso" tava possuído do dianho. Vai daqui e vai dali, e bamo que bamo, ôôô, fasta, fasta, e tal e coisa, vai o "fermoso" e pisou no dedão do Faustão.

No impulso da dor, Faustão deu um munhecação bem no meio da testa do burro. O tal tremeu e foi caindo, amontoou no chão. Morreu? Não. Mas daí em diante, cada vez que o "fermoso" via o Faustão, se apinchava no chão e fingia de morto. Disseram qu' ele, co murro que levava no frontispício, ficara de miolo mole.

Mãos enormes; enormes e amorosas. Olhou-as outra vez. Raquel. Tavam namorando. E suas mãos docemente buliçosas não paravam. Ela suspirando. Um dia ela não aguentou e

pediu soluçante. E ele deu. Rolaram. E o resto etecetera e tal, casa não casa, casaram.

Nunca brigara com ninguém. Quem era louco de enfrentar aquelas mãos? Brincavam de espremer cana na mão "inté pingá e garapa".

Seus pensamentos foram interrompidos por uma das "senhoras", a mais bonita, que viera sentar-se ao seu lado. Encostou-se nele. Pegou-lhe a mão, a mãozinha sumindo na mãozona dele. E dengosa pra ele:

— Amorzinho, adoro home forçudo... me abraça?

Vermelho, amolado, enleado, nem se mexeu. Não resistiu, aquele calor abaixo da cintura, por fim dormiu, ela ao ombro dele, ele a cara na cabeça dela.

No dia seguinte a conversa com o doutor delegado e o escrivão. Fala daqui e vai dali, pa pa...acabou.

— Vô té os nove merreis trá veis?

— Vai sim, vá esperando... pode ir embora.

— Num sei í, num sei ond'é a estação...

O escrivão, gritando pra dentro:

— Ó Zécai Vá levá o troxa pr'estação...

O soldado saiu com o Faustão. Nem bem chegado na esquina, parou.

— Vá andando. Quebre a direita noira esquina e...

Faustão agarrou o braço do meganha.

— Mecê vai me levá...

Apertão d'espreme tolete de cana. Seus olhos azuis estavam transparentes. O meganha sentiu a mãozona do tal.

— Largue daí!

E mais brando:

— Vô levá sim.

Rumo à estação e sem dinheiro, Lembrou que daí uns dias faria um ano de casado. Suspirou:

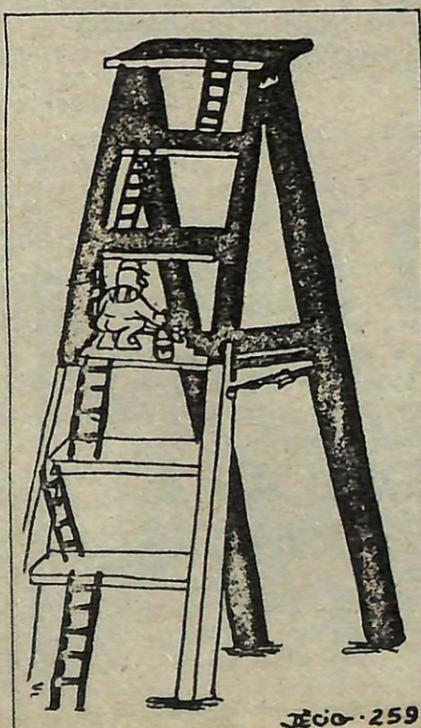
— Sodade de Raqué...

Não tinha mais dinheiro. Pra mais de um dia que não comia. Voltou a pé pela linha do trem. Pensou:

— Onte peguei o trem; agora, na linha, carece ponhá reparo mode o trem num pegá eu...

Agora no niver do J2a. fico matutando. O J2a. saiu da vila e foi brigar com o inimigo além das fronteiras, tentando pegar pelo rabo inimigos mais grossos. Não será mió dá uma oiadinha pra trais? Oi que o trem te pega...

O Bartimeu



Clínica Dentária São José
Tratamento dentário em geral.
Dr. Sérgio de Melo Tavares
Rua São José, 44 - centro

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 - FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

XEROX também é com o FOTO ZEZINHO

NOVIDADE/ Charne CAI DO ROSÁRIO. 626

FOTOCOPIADORA MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618

Fone - 6-8460

Candidatos do MDB pensam na cidade. Seriamamente.

Reunindo dez candidatos a vereadores e técnicos em diferentes assuntos ligados à vida da cidade, teve início dia 28, segunda-feira, no Centro Comunitário de Vila Hortolândia, o primeiro seminário sobre problemas de Jundiá, promovidos pelos candidatos Erazé Martinho e João Mazon (prefeito e vice, respectivamente) pela sublegenda MDB-3.

Habitação e Saneamento Básico foram os dois temas, expostos por Araken Martinho e Ruy Luiz Chaves e discutidos pelos presentes.

A finalidade dos seminários, segundo a equipe que assessora aos can-

didatos da oposição, é levantar os principais problemas ligados à administração pública e tentar alcançar propostas para as suas soluções, dentro do atual e futuro quadros das finanças municipais. Dessas discussões serão formuladas apostilhas que serão utilizadas pelos candidatos à vereança nas suas reuniões com os seus eleitorados.

"É preciso que se fale seriamente e com coragem a respeito daquilo que será deixado pela atual administração ao futuro prefeito e à futura Câmara", disse Erazé Martinho, justificando a realização dos seminários.

Além do candidato a prefeito,

estiveram presentes os candidatos à vereança Carlos Kazuo Inoue, Marco Antônio Colagrossi, Ariovaldo Alves (BCC), Luiz Rodrigues, Alfredo de Francesco, Arthur Gardino, Waldemar Maltoni, Randal Juliano Garcia, André Benasse, Antonio Carlos de Castro Siqueira.

A série de seminários, cuja realização será sempre às segundas-feiras e num ponto que concentre os habitantes de bairros, discutirá, entre outros, estes temas: Transporte, Saúde, Educação, Lazer e Esporte, Economia, Legislação e Serviço Social.

"Embora promovido pelo MDB-3,

o ciclo de seminários está aberto a todos os candidatos do MDB, bem como a todos os órgãos que representem as diferentes comunidades: associações de amigos e bairros, sindicatos, igrejas, todo mundo, enfim, que possa colaborar com o levantamento dos problemas e a sugestão de soluções. Nossa intenção é conscientizar esses organismos todos para que, fortalecidos, possam exercer pressão sobre os eleitos evitando que os futuros governantes se afastem das prioridades e administrem em favor de grupos, como acontece atualmente", finalizou Erazé Martinho.

Uma imoralidade administrativa

Para que o povo de Jundiá possa formar uma concepção clara e precisa de como são praticados os atos desta funesta administração pública municipal, demonstraremos dois atos administrativos, que os estudiosos do assunto, os denominam de atos complexos.

O primeiro foi sacramentado, perpetuado e concluído às fls. 142, do livro 305, datado de 3 de junho de 1975, nas notas de 20. Tabelação local, a disposição de qualquer interessado, porque é público. O segundo se encontra da mesma forma, às fls. 144 v., do livro 461 do 10. Tabelação.

No primeiro, a Prefeitura Municipal adquire uma área de 100,00 mt², na Marginal Córrego do Mato, na qual continha 46,00 mt² de construção, acordo amigável, por Cr\$ 47.400,00.

Pela segunda escritura, é adquirida por acordo amigável, um terreno nas mesmas imediações, e podemos dizer quase limitrofes, com a área de 99,50 mt², contendo 41,00 mt², construção, pelo preço de Cr\$ 90.000,00. Assim temos resumidamente: - as duas aquisições da Prefeitura: 3/6/75 - área terreno 100,00 mt² - const. 46,00 - total 47.400,00 25/9/75 - área terreno 99,50 mt² - const. 41,00 - total 90.000,00 Diferença - 42.600,00

Os imóveis foram objeto de declaração de utilidade pública e tomados compulsoriamente para abertura da avenida Córrego do Mato. Segundo seus ex-proprietários, a construção do imóvel de menor preço era de melhor qualidade. Todos os detalhes e os motivos justificadores dos valores devem

estar contidos nos processos administrativos do departamento "técnico" da Prefeitura.

Determina a Constituição Federal que os Poderes Públicos devem pagar o justo preço, em caso de desapropriação. Nos negócios enfocados, perguntar-se-ia: admitindo-se que os imóveis são fisicamente iguais, qual foi o justo preço - Cr\$ 90.000,00 ou Cr\$... 47.400,00? Se foi o menor, deve ser explicado porque se pagou ao segundo mais, ou seja, quase o dobro. Se foi o de maior preço, o outro ex-proprietário foi enganado, prejudicando e o Poder Público se enriqueceu sem justa causa. Para nós, paira muita dúvida, porque não podemos admitir que um Poder Público pratique atos diformes, duvidosos e causadores de diversas interpretações. Deve haver princípios de moralidade nos atos administrativos para que sirvam de parâmetro, para que suportem a legalidade. Os negócios públicos não podem ficar na mesma contingência dos negócios particulares, onde as partes são livres para praticar tudo o que a lei não proíbe e a moral que os estriba, diz respeito pe-

culiarmente às partes, sem qualquer outro reflexo.

Para que o leitor tenha uma idéia do valor da moralidade no ato público, diz um autor: "A moralidade administrativa constitui hoje em dia pressuposto da validade de todo o ato da administração pública". Doutrina mais, que não é o sistematizador do conceito da moral comum, mas, de uma moral jurídica, do disciplinamento interior da administração.

Deve a administração pública distinguir o bem do mal, o honeto do desonesto, atuando sem desprezar o elemento ético de sua conduta. Não terá que decidir entre o legal e o ilegal, o justo e o injusto, o conveniente e o inconveniente, o oportuno e o inoportuno, mas também entre o honesto e o desonesto. No exame do direito e da moral, o ato da administração, não terá que obedecer somente a lei jurídica, mas a lei ética da própria instituição, porque ensinam os autores que nem tudo que é legal é honesto. A moral do ato público, do agente público que ordene sua conduta interna, tem como finalidade o bem comum. Ensina certo autor: "o certo é que a moralidade do ato administrativo, juntamente com a sua legalidade e finalidade, constitui pressupostos de validade, sem os quais toda a tividade pública será ilegítima".

Ao leitor, cabe conceber se o ato examinado possui em seu bojo a moralidade. O nosso conceito é de que o mesmo encerra uma imoralidade administrativa, como tantas outras, que são de conhecimento público. O órgão técnico da municipalidade, deverá responder e justificar seu comportamento duvidoso e contraditante na prática dos atos relatados.

O Pensador

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CÁSSIA

Praça Rotatória, s/n - J. Messina
Fone: 4-1666



CONSTRUTORA
JUNDIAÍ LTDA.

r. Siqueira de Moraes, n. 578
8 andar - conjunto 801 - C



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA • MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

Percival de Souza

I

Desde junho do ano passado estou acompanhando, atentamente, a evolução do caso em que a moça Rosa Maria de Toledo Maluf, de 30 anos, foi assassinada com seis tiros de revólver, quando estava em companhia do seu ex-namorado, o advogado José Renato Cursino de Moura.

Este fato aconteceu em São Paulo, na noite do dia 18 de junho de 1975 e, segundo o advogado à Polícia, os dois conversavam dentro do carro (Chevette bordô, placas EK 6000) quando surgiram dois assaltantes. A moça teria ficado nervosa, reagido com gritos, um dos ladrões disparou seu revólver e entrou no carro. O advogado foi obrigado a ficar na parte de trás do carro, deitando-se no assoalho, ameaçado por um revólver, enquanto outro ladrão assumiu o volante. O carro começou a rodar e novos disparos foram feitos, num total de seis, causando a morte da moça, que era desquitada e tinha um filho de seis anos.

II

Naquela madrugada fria de 19 de junho, os policiais se penalizaram diante do advogado nervoso e choroso. Chegaram a ocultar-lhe por algumas horas a morte da moça, dizendo a ele que Rosa Maria estava na mesa de operação do Hospital das Clínicas, com chances de sobrevivência. Enquanto contavam essa estória, davam-lhe água com açúcar. Na verdade, o corpo da moça já estava sendo necropsiado no Instituto Médico Legal.

A partir dos laudos dos médicos legistas, o caso passou a ser visto como se assistíssemos a cenas do filme "Investigações sobre um cidadão acima de qualquer suspeita". Ou então do chamado tráfico de influência.

Pouco tempo depois da morte da moça, estavam na delegacia pessoas influentes, entre as quais um graduado ilustríssimo senhor do Palácio de Tênis. Honra se faça ao jovem delegado Paulo Fernando Fortunato, que presidiu esse inquérito. Na ocasião, Paulo estava nas equipes básica I do 23o. Distrito Policial.

Examinando o corpo da moça, o delegado logo verificou que pelo menos três dos seis disparos haviam sido feitos à curtíssima distância, à queima-roupa, eliminando completamente a hipótese de disparos feitos pelo lado de fora do carro, quando os ladrões se aproximaram.

Havia uma forma muito simples de resolver, de início, essa questão: levar o advogado à Divisão de Criminalística do Departamento Estadual de Polícia Científica (antigo Instituto de Polícia Técnica) e submetê-lo a um exame residuo gráfico para partículas metálicas e vestígios de combustão decorrentes do disparo de arma de fogo. Em linguagem mais simples: verifica-se, através desse exame, se haviam sinais demonstrando que o próprio advogado havia atirado. Mas, amparado pelo influente ca-



minho, o advogado lavou as mãos durante o caminho.

Os leigos no assunto poderão pensar que isso só seria possível em filmes de Kojak ou do detetive Colombo. Na verdade, nossa Polícia tem condições de agir cientificamente e usar métodos aparentemente cinematográficos para esclarecer casos. Sem constatar um dedo em ninguém. Evidentemente, a falta ou o excesso de imaginação podem provocar consequências desastrosas.

III

Não era essa, evidentemente, a situação do nosso personagem. Amparado nas largas costas de amigos muito bem postos, procurou esquivar-se de todos os atos policiais. Recusou-se, por exemplo, a participar da reconstituição, alegando que "vítima não faz reconstituição", mas violando aquele famoso dito popular que diz: "quem não deve, não teme".

O fato é que as evidências — obtidas através de provas técnicas e testemunhos indiciários, objetiva e subjetivamente — permitiram que o promotor Vitor Afonso Lopes Teixeira, da I Vara Auxiliar do Júri, determinasse o indiciamento do advogado José Renato Cursino de Moura, como autor do homicídio.

Na hora h, entretanto, quando já havia sido levado coercitivamente para a Polícia, a reconstituição foi sobrestada — como se diz? — "si et in quantum".

Agora, os fatos: se o senhor Cursino não tivesse o título de doutor (usado indevidamente por milhares de bacharéis) e se chamasse, por exemplo, João da Silva, e esta hora estaria no cárcere, com prisão preventiva decretada, etc.

Então, recordemos a preciosa lição de Anacarsis, mesmo diante do "não matarás" da lei de Deus e o artigo 121 da lei dos homens. Replay, porque já a citei anteriormente, nesta mesma coluna: "as leis são como as teias de aranha; os pequenos insetos prendem-se nelas, e os grandes rasgam-nas sem custo".

Mais para Capra do que para Bergman

Convivi profissionalmente algumas monótonas tardes de trabalho com um repórter que era a personificação de falta de senso de humor. Era (ainda é; embora aprecie a sua larga gesticulação a uma salutar distância) a estátua do senso profissional. Mas, coitado, era insuportavelmente mal humorado.

A um descompromissado e protocolar "como vai", ele respondia com uma longa e bem documentada arenga sobre os sólidos motivos pelos quais nem ele, nem ninguém, poderia ir bem num mundo como este.

Um desprezioso "bom dia" era imediatamente retrucado com a leitura dos índices de poluição do ar fornecidos pela Susam, que desmentiam fragorosamente o cumprimento.

Eu acredito piamente que ele passasse as horas de lazer debruçado sobre as curvas ascensionais da incidência de meningite da Grande São Paulo, na exposição de motivos que levavam a Secretária da Saúde a prevenir-se contra a ameaça iminente de uma devastadora epidemia de cólera proveniente da África do Norte, ou nas últimas estatísticas do Detran sobre os acidentes de veículos — com vítimas, é claro — na Zona Oeste de São Paulo.

Não era realmente uma boa companhia para espalhar durante algumas meias-horas de ensolaradas tardes de verão nas mesinhas do Paribar. Tenho a impressão de que, para ele, tomar um saudável chopp e apreciar, ainda que um tanto displicentemente as jovencinhas douradas da Praça Dom José Gaspar, em pleno horário de trabalho, deveria parecer uma usurpação. Seria um tempo roubado à sua sagrada missão de salvar a humanidade das hecatombes. Ele se atribuiu essa missão por uma procuração divina que lhe deve ter sido passada em algum momento crucial da sua existência sofrida e alagana.

A falta de senso de humor é, realmente, uma das fraquezas de caráter mais imperdoáveis da natureza humana.

Digo isso, porque este jornalzinho hoje está fazendo um ano. E não tem motivo nenhum, diga-se de passagem, para estar rubro de modéstia. Mas o leitor, sempre distraído, há de perguntar: o que tem a ver uma coisa com a outra?

Acontece que este jornalzinho despeja lava há 53 números, com sizudos gráficos, intrincadas estatísticas, estorrecedores documentos, mas com um fair play de fazer inveja a qualquer Glenda Jackson, a feia bonita.

Isso não é uma prova cabal e definitiva de que alguém pode ser sério sem ranger os dentes ou apertar as mandíbulas?

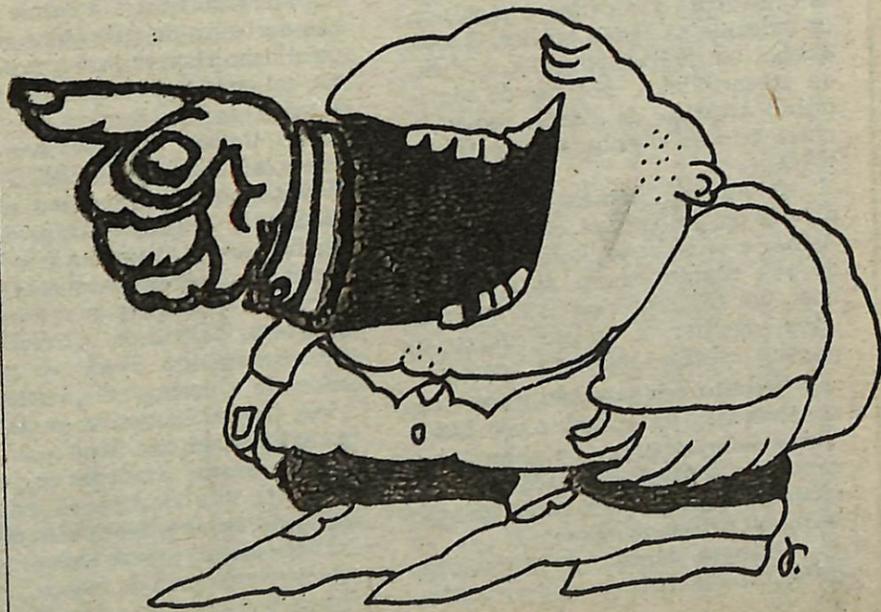
É bem verdade que não existem muitos motivos por aí à solta para que se ande pela rua gargalhando histericamente. Mas nem existem motivos também para — como diria Nelson Rodrigues — sentar na targeta e chorar lágrimas de esguicho.

O senso de humor, certamente, ajuda a tornar a vida bem mais suportável.

Aquele repórter meu conhecido, ao folhear o Jornal de 2a. seria provavelmente acometido de uma profunda depressão cívica ao constatar a existência de certas mazelas e assumiria o ar carrancudo de uma estátua da Ilha de Páscoa.

Eu prefiro ver as coisas pelo reverso. Há motivos para sorrisos de máscara de carnaval boliviana. Os 365 dias de existência de um jornal que trombetaia a sua verdade com toda a força dos seus pequenos pulmões não são 365 bons motivos?

Hoje é um dia em que trocaria, sem remorsos, um angustiante filme de Ingmar Bergman por uma rósea comediazinha de Frank Capra. A champagne da festinha de aniversário terá subido à cabeça?



História das 772 páginas que a

Poucos dias antes de 7 de julho de 1975 começaram a aparecer nas bancas de jornais da cidade cartazes vermelhos, com um dedo em riste apontando em direção ao leitor, e uma mensagem direta, incisiva: "Você vai saber das coisas".

No dia 7, o primeiro Jornal de 2a. estava nas bancas. Hoje, um ano depois, não pode mais existir nenhuma dúvida. O objetivo do jornal foi alcançado, e a promessa cumprida: a cidade sabe das coisas. E continuará sabendo, porque a velinha que está na capa deste edição, simbolizando o primeiro aniversário, não pretende extinguir-se tão cedo, ao contrário do que insinuam (e até mesmo desejam) aqueles para os quais as verdades proclamadas são incômodas.

O dedo em riste do cartaz vermelho repetiu-se na capa da primeira edição do Jornal de 2a., que em editorial proclamava claramente suas intenções. Assinalando a coincidência de estar nascendo exatamente no início do 2o. centenário da imprensa jundiense, o jornal se propunha a inovar em relação ao já existente, pois "a custa da vassalagem a pseudo-eterno absolutos donos do poder e da verdade, alguns órgãos dessa imprensa alcançaram imerecida prosperidade". E no fim do editorial, a proposta continuava clara: "A que se propõe o Jornal de 2a.? A começar diferente o 2o. centenário da imprensa de Jundiá. O caro leitor ajuda? "Tem ajudado, sem dúvida.

Nascido da intenção de um grupo de pessoas de diversas tendências políticas e de diferentes grupos sociais, unidas pelo desejo comum de servir à comunidade, o jornal continuava procurando definir-se no primeiro número, e o arquiteto Araken Martinho, entrevistando a si mesmo, falava das suas finalidades: "Os homens como administradores são efêmeros. O que interessa combater são distorções de filosofia administrativa que contribuem para o aparecimento desses homens".

Entre os colaboradores do primeiro número, nomes como Virgílio Torricelli, Alberto Traldi, Francisco de Assis Oliva, Erazé Martinho, Eduardo de Souza Filho. Entre os assuntos levantados, o problema da desapropriação do Hospital Santa Rita, as convenções partidárias, o problema da seriedade na gestão pública. O lado ameno: um horoscopo irônico e cheio de subentendidos, notícias do movimento artístico da cidade, pequenas notas críticas englobadas pelo título N\$O.

O segundo número noticiava a derrota do prefeito na convenção da Arena, e servindo-se, como epígrafe, de uma citação famosa de Ruy Barbosa, um artigo de Francisco de Assis Oliva advertia: "é preciso cultivar o respeito místico pelo bem comum".

Respeito esse que não vinha sendo observado na cidade, como Elcio Vargas fazia notar em um artigo onde contestava a prioridade dada pela administração municipal à construção da Avenida Córrego do Mato.

Falava-se também da pasmeira do esporte jundiense, dos maus pro-

gramas de televisão, do bom serviço do restaurante Haiti, e de artistas: Du Pereira e Inos Corradini.

O asfalto começou, avisava o número 3, e avisava também dos seus preços extorsivos: a Andrade Gutierrez cobrava 90 cruzeiros por metro quadrado de asfalto, 50 cruzeiros por metro quadrado de recapeamento de sarjetas e paralelepípedos. Em Rio Claro, cobrava-se 40 cruzeiros pelo mesmo serviço. Mas Sílvio Caldas falava de cozinha, música e boemia.

"O futuro também foi empenhado", proclamava um artigo publicado no número 4, mostrando que o excessivo endividamento no município (naquela época bem menor que o atual) ia sacrificar o povo jundiense durante muito tempo.

E um mapa mostrava os 7 pontos de estrangulamento que provocam as enchentes na cidade: a Ponte Campinas a Ponte Fepasa (km 3), a ponte no início da estrada de Itatiba, a Ponte São João, a Ponte Fepasa (km 1) a ponte na rua Atilio Vianelo e a ponte na rua Pitangueiras. Os pontos continuam, as enchentes também.

No número seguinte, o 5, o jornal levantava o problema do menor abandonado, ouvindo o Juiz de Menores, professores e especialistas no assunto. Virgílio Torricelli falava da elevação de impostos, "uma medida para arrancar o couro dos judiaenses".

No dia 4 de agosto de 1975, Carlos Ungaro declarava aberta a sessão da Câmara "em nome de Deus", e sem nenhum remorso uma maioria de vereadores "alinhada" com o prefeito, autorizava-o a contrair um empréstimo de 70 milhões de cruzeiros. Abdoral Lins de Alencar, dramático, advertia: "os senhores serão os responsáveis pela desgraça deste terra". Mas Adoniro José Moreira, Antonio Tavares, Edmar Correia Dias, Geraldo Dias, Hermenegildo Martinelli, José Sílvio Bonassi, Luiz Lourenço Gonçalves, Valdir Fernandez e Elio Zillo não foram nem um pouco sensíveis à advertência de Abdoral. E para sempre serão lembrados.

Um imenso monstro engolindo vorazmente áreas verdes e transformando-as em fumacentas fábricas era a capa do número 7, que anunciava mais um atentado contra a cidade: um trecho do bairro da Bela Vista, reservado pelo Plano Diretor para área de recreação ou lazer, transformava-se por obra e graça de um projeto do vereador Carlos Ungaro, em área livre para os especuladores imobiliários. E mais: o prefeito, associado ao seu secretário da Saúde, Arnaldo Martins dos Reis, vendia para a Concrebrás S/A, Engenharia de Concreto, uma área de terreno que o Plano Diretor reservava para o Sistema de Recreio e Setor Recreativo Paisagístico. Preço: 1 milhão e meio de cruzeiros. O prefeito e seu sócio haviam comprado o terreno da viúva de Alexandre Saska por um preço bem menor. Em lugar de jardins, o povo da Vila Hortolândia ganhava a poluição de uma fábrica de concreto.

No mesmo jornal, mais uma advertência: "a despesa da cidade vem crescendo mais rapidamente que a receita;

em 1972, a despesa era de 53% da receita; em 1975, passou a 69%. É o resultado inexorável do festival de gastos e fúria de nomeações. Não se brinca impunemente com a administração"

No feriado de 7 de setembro o jornal chamava a atenção para "uma das mais insensatas e onerosas realizações jamais feitas pela administração pública em Jundiá": as obras do sistema viário. A Andrade Gutierrez ganhava 19 cruzeiros por cada metro cúbico de terra escavada, enquanto o preço oficial do DER, na época, era de Cr\$ 3,84.

Apenas um dos itens lesivos da concorrência pública para a construção da luxuosa e inútil avenida.

Na última página, Paulinho da Viola dizia que "o samba se transforma como a vida".

No número 10, o jornal denunciava a falta de infra-estrutura no Distrito Industrial de Jundiá.

No número 11, Antonio Carlos Avallone, o piloto de provas, falava de suas proezas automobilísticas, o teatro estudantil falava de seus problemas, os favelados do Jardim São Camilo eram despejados pela Prefeitura, Edson de Castro falava de sua arte, e Angelo D'Agostini falava de seus cães premiados.

A obra comunitária dos padres canadenses da Vila Hortolândia era apresentada no número seguinte, e já no jornal número 13 Sérgio Bocchino falava de suas amenidades sociais enquanto se denunciava o mau aproveitamento dos mananciais de água da cidade e se advertia: "dentro de poucos anos, estaremos em crise de abastecimento de água".

Confundindo no texto de um manifesto as 200 milhas marítimas com 200 milhas submarinas, o prefeito conseguia irritar toda a classe política de São Paulo, ao apresentar em público documentos provando dividas pessoais do deputado emedebista Jayro Maltoni. Mais um golpe baixo mal sucedido, "um naufrágio", como o classificou o número 14 do jornal.

No número 15, ataque ao mau e caro asfalto, no número 16 Candido Malta fala do metrô jundiense (e um erro tipográfico faz o jornal saltar um número, retificado no jornal seguinte), no 17 escreve Ricardo Bandeira, o mímico e o ministro Arnaldo Prieto visita a cidade, no número 18 os estudantes de Medicina falam de sua vidinha numa república chamada "Amoribunda".

Já então o jornal contava, desde o número 14, com a colaboração fixa de Percival de Souza, considerado por consenso geral o melhor repórter de polícia do Brasil.

Uma calamidade no número 19: o orçamento municipal faz prever um fim de governo "apocalíptico". A prefeitura vai gastar só em publicidade 2 milhões de cruzeiros. E em juros da dívida pública, Cr\$ 21.640.000,00. Conseguirá a cidade suportar essa carga? pergunta o jornal. Mas há lugar para um pouco de bom humor. Aparecem os "pufs". Por exemplo - Marketing: nome de um famoso empresário chinês.

O jornal mostra as várias opções para os cursos profissionalizantes (n. 21) e faz uma pesquisa sobre o comércio jundiense, sempre prejudicado pelo fato de a cidade estar espremida entre duas capitais de comércio intenso (n. 23/24).

Mas os temas administrativos continuam dominantes, e um editorial (n. 23) esclarece a posição do jornal sobre o sistema viário. Acusado por um colunista de um jornal de ser contra o progresso, o jornal esclarece que não é contra a obra em si, mas a maneira como foi conduzida. Em primeiro lugar, não é uma obra prioritária, numa cidade carente de obras de infra-estrutura; em segundo lugar, a concorrência foi lesiva para a cidade. Mais um dado: a Firpavi cobraria 300 cruzeiros por metro cúbico de asfalto; a Andrade Gutierrez, escolhida para fazer a obra, está cobrando 530 cruzeiros o metro cúbico.

Os números 25 e 26 saem acoplados em um só; edição especial de Natal e Ano Novo. Elcio Vargas pergunta: "quando vão parar de tomar o dinheiro do povo? Quando vão parar de mentir ao povo?". Pergunta até hoje não respondida. O jornal publica entrevistas com os futuráveis; ou seja, os candidatos a candidatos a prefeito, pelo menos na boca do povo: Admércio Lourenço, Rubens de Lucena, Walmor Barbosa Martins, Abdoral Lins, Pedro Fávaro, João Molina, Vitória Furlan, Jayro Maltoni e Arnaldo Carraro - que se recusa a falar. O número especial tem uma peça teatral de Thornton Wilder, um cordel de Terezio Dantas, e algumas previsões de Madame Zuleika, a horoscopista: Por exemplo: "O sr. presidente da Câmara subitamente começará a acertar todas as concordâncias léxico gramaticais". (Como todas as previsões de magos, bruxas e astrólogos, apenas mais uma que não deu certo).

O primeiro jornal deste ano faz uma pesquisa popular para saber se o povo vai votar Arena ou MDB, e começa a advertir contra mais um crime do prefeito. Desta vez, contra as figueiras da Praça da Bandeira. O dendroclasta - inimigo do verde - ataca e as árvores caem. Em seu lugar uma precariedade chamada de estação rodoviária.

O número seguinte (28) ressalta o fato de que o prefeito, ao derrubar as árvores, estava transgredindo uma lei municipal do tempo de Walmor, que considerava as figueiras "imunes de corte".

Mas a lei também estava sendo violada no número seguinte, que trazia uma reportagem mostrando a linda fábrica de concreto que, graças à astúcia imobiliária do prefeito, plantou-se na Vila Hortolândia, no lugar onde deveria haver um parque, um jardim talvez.

O número 29 mostra Itupeva sendo poluída pelo rio Jundiá, o número 30 mostra o retrogrado e mal executado romantismo do boulevard jundiense, enquanto o juiz de Direito Antonio Amorin convoca a população para ajudar na luta

laram a cidade (modéstia à parte)

a recuperação dos detentos, e o número 31 faz uma pesquisa com 4 famílias da cidade sobre seus hábitos e despesas com alimentação. Simão vem na página 3: "Se é verdade que a vida/ todos tem a sua Cruz/ morre a vida vem a treva/ e renasce de novo a

O jornal nunca deixa de ter esperança, mesmo que no número seguinte é obrigado a comentar uma lamentável enchente, que só pode acontecer num "município afogado em enchidas".

Mas é carnaval no número 34, e o jornal ensina didaticamente como fazer uma boa e barata fantasia em carnaval enquanto denuncia que o Plano Diretor está sendo feito em segredo e com uma alegoria da data: "O prefeito dá seu carnaval particular; sambou com o Plano Diretor, deixando de cumprir suas orientações; cantou com Gutierrez a música de uma canção imoral, fantasiou-se com denúncias demagógicas acerca das últimas enchentes e estendeu sobre a cidade uma caríssima serpentina do alto, além de luminosos confetes e vapor de mercúrio".

Passada a folia, o dedo em riste aponta à capa e desafia o prefeito: "Abre nos abra as portas dos seus arquivos; que permita que examinemos os gastos e suas obras; que dê oportunidade de verificar o que vem fazendo com o dinheiro público não é dele, que é do povo, de Jundiá". E o dr. Caetano Gennari denuncia a epidemia de política que assolou o Hospital São Vicente.

O número seguinte traz 4 páginas de gráficos, provas documentadas, e documentação irresponsáveis. O sistema viário é a cruz de todos nós. As páginas mostram como a concorrência pública para a sua construção foi dada aos interesses da cidade. O número 36 é um documento.

No 37, fala-se das tentativas frustradas de construir um teatro municipal na cidade, o 38 denuncia o plano ecológico e estético do corte que está sendo feito na serra do Japi com a convivência da Prefeitura e mostra como a Prefeitura está se aproveitando politicamente de um convênio de assistência técnica assinado com o INPS e usado de forma inconveniente nas chamadas Unidades de Serviço. No 39, é 1o. de Abril, dia municipal da mentira, e o jornal mostra o de abril oficial: os anúncios que o prefeito manda publicar nos jornais e que são fiéis, contando as maravilhas que estariam sendo feitas (mas ninguém vê, ou sente). O jornal classifica os anúncios como "uma moda ultimamente, lançada pela atual administração municipal."

Nos números 39 e 40 debate-se o problema dos ônibus municipais. Conclusão: "o povo, pobre diabo, está aí tomando chuva quando chove, e tomando sol quando faz sol e pagando aumentos quando a Comutran e as empresas aumentam os preços". No número 39 sai o primeiro requerimento de Virgílio Torricelli ao prefeito. Hoje estamos publicando o

15º requerimento, e evidentemente o prefeito não respondeu nenhum.

O número 41 registra uma raridade, "O dia em que o Paulista ganhou (da Ponte Preta) e acompanha os estudantes do Colégio Técnico em sua indignada manifestação contra a redução da verba da Prefeitura destinada ao seu transporte, de 300 mil para 100 mil cruzeiros. Dinheiro que o prefeito — argumenta-se — preferiu usar em investimento que produzem mais dividendos eleitorais, como o torneio da fome, ou o carnaval. Quem sabe.

Há uma carta aberta ao ministro Simonsen alertando-o para o limite de endividamento de Jundiá, que está sendo ultrapassado, no n. 42; o 43 mostra como Bonassi, Zilo e Adoniro, os vereadores, mudaram misteriosamente de posição com relação aos empréstimos pedidos pelo prefeito. E em meses de radicalmente contra a radicalmente a favor. E na última página um espanto: o prefeito gasta Cr\$ 18.503,00 em propaganda e Cr\$ 1.992,00 em comida. Por dia!

O dia das mães como um problema de comércio está no n. 44; no 45 o povo pede a tal água que os folhetos coloridos do prefeito dizem jorrar em abundâncias das torneiras e ninguém vê; no 46, cadê os esgotos que os folhetos do prefeito dizem que "é um benefício chamado saúde? no n. 47 o pedido do empréstimo de 228,5 milhões vai para o Senado, e no 48 ele já aprovado com uma fulminante e suspeitíssima rapidez. Orestes Quercia, o senador emedebista, adverte dramaticamente: "Malditos serão os futuros prefeitos de Jundiá". Quem conseguirá governar uma cidade com uma dívida tão gigantesca?

Uma pausa amena: estréia no n. 48, Carlinos Pierobon, o primeiro colunista social do Jornal de 2a. A proposta: um novo colunismo social.

No número 49, a grande imprensa do país reage indignada à maneira como o Senado aprovou um empréstimo para Jundiá contrariando normas técnicas, e ultrapassando — em muito — o limite de endividamento dos municípios, fixado pelo próprio presidente da República. Jundiá é um caso nacional. graças às espetezas de seu prefeito.

O número 50 traz uma trêfega entrevista de Ibis na íntegra, onde ele destempera a sua linguagem. Nenhum jornal de Jundiá teve a coragem de publicar a íntegra da entrevista. Só o Jornal de 2a. "a única oposição que o prefeito não conseguiu silenciar". Segundo o Jornal da Tarde.

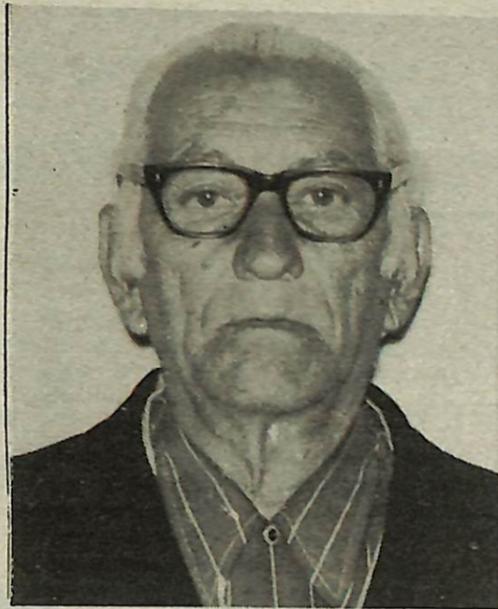
No número 51, o MDB aparece com seus três candidatos oficiais: Dr. Cid, Abdoral Lins de Alencar e Erazê Martinho, o da página 2.

O número 52 refuta as concepções urbanistas de Candido Malta Campos Filho, da Cogep e autor do misterioso e secreto Plano Diretor da cidade. Quem fala é o engenheiro Panizza, que fez o Plano Diretor anterior.

O número 53 é este.

E você continuará sabendo das coisas.

"Só saio daqui se me mandarem embora".



Paulo Gonçalves de Mello, É este o nome do mais antigo funcionário do Jornal de 2a. e um de seus ardorosos admiradores. Ele já está engajado na luta do jornal e disse que só abandona o campo de batalha se o mandarem embora. Dificilmente isso acontecerá.

Seu Paulo. É assim que todos os que trabalham no Jornal de 2a. o chamam. Ele é o funcionário mais antigo e também o mais velho, com seus 68 anos bem espelhados nos cabelos brancos. Apesar disso, é um batalhador e por causa de seu trabalho, sofreu perseguições, estendidas até à sua família, e também agressão física.

A história do trabalho de seu Paulo está intimamente ligada com a do Jornal. No dia 15 de junho do ano passado, começou a pregar aqueles cartazes vermelhos com um dedo apontando para o público e o slogan "Você vai saber das coisas".

Foi nessa época, quando colocavam um cartaz em um bairro da cidade, sem que esperasse, sofreu uma agressão covarde pelas costas por um sujeito moreno que o esmurrou. Infelizmente, os ataques a sua pessoa não pararam aí.

Ele foi dispensado do Grêmio CP, onde era fiscal, pela antiga diretoria, extremamente solidária ao prefeito por motivos óbvios. Seu filho, que era funcionário do DAE, também foi mandado embora do emprego. Oficialmente foi por um motivo qualquer, mas seu Paulo acredita firmemente que tudo não passou de uma maneira de atingí-lo, só porque trabalhava para um jornal de oposição à atual administração municipal.

Aquele abuso do poder foi desfeito quando o Grêmio elegeu a atual diretoria. Seu Paulo acabou convidado para

reassumir seu antigo cargo. Na semana passada, foi oficializada a sua posse.

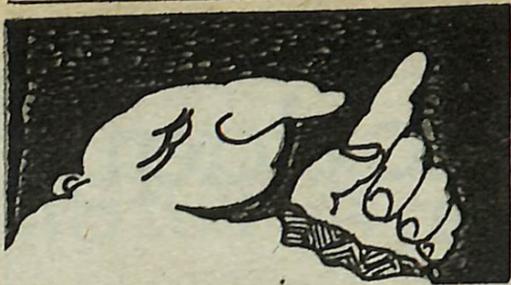
Por outro lado, seu trabalho é muito importante para o Jornal de 2a., onde foi o primeiro agenciador de anúncios e assinaturas.

— No início, os negociantes tinham alguma cisma em anunciar porque viam que iam se indispor com o prefeito. Depois, acabaram compreendendo no melhor porque as denúncias do Jornal de 2a. nunca foram desmentidas. Daí, ficou um pouco mais fácil.

Mas sua atividade não para aí. Todas as segundas-feiras ele distribui o jornal da semana anterior em vários bairros da cidade. Os frutos de seu trabalho, seu Paulo começou a senti-los recentemente: em vez de oferecer, passou a ser requisitado pelas pessoas que querem ler o jornal. Algumas até chegam a reclamar quando demora muito.

Se o tempo endurece o cerne das árvores, foi exatamente isso que ocorreu com seu Paulo. Apesar da idade, encontra até disposição para esperar por duas horas quando vai fazer uma cobrança, como aconteceu há algumas semanas.

Agora já não é apenas uma questão de salário que prende seu Paulo ao jornal. A filosofia que orienta as reportagens e artigos acabou se cristalizando nele. Por isso, ele diz, com uma ponta de orgulho que "só saio daqui se me mandarem embora".



"PRECISAVA ALGUÉM FALAR"
(Waldemar Costa, sapateiro)

"NÃO PRECISAVA TRITURAR TANTO"
(Wilson Martins, redator chefe do JJ)

Os leitores falam sobre o Jornal de 2.a



Isabel

Enfermeira do Sesi já há 23 anos, Isabel Bigas apoia e concorda plenamente com a decisão tomada pelos fundadores do Jornal de 2a., "porque tiveram a coragem, que falta a muita gente para dizer o que dizem, muita coisa que está entalada na garganta dessa gente".

Ela disse que: "a verdade deve ser dita sobre tudo e sobre todos, e é por isso que esse jornal é bom, porque ele diz muitas verdades que nem mesmo eu teria coragem de dizer. Segundo ela o jornal deve crescer, aumentar seções, pois "mesmo maior ele cabe em todos os lares". Ela prefere o Bartimeu, porque ele fala bem mais na alma e é para ela uma pena ter que esperar quinze dias para poder ler sua coluna novamente.

"É um jornal totalmente independente, que não tem medo de dizer a verdade. Às vezes, até sendo contundente demais". Assim Wilson Martins, redator chefe do Jornal de Jundiáí, definiu o Jornal de 2a.

Dentro de sua análise, Wilson afirmou que "apesar de ser eminentemente político, o jornal tem várias seções do agrado dos leitores, pois nem todos o lêem pela política". E ele cita os Puffs!, Horóscopo, o Bartimeu, Percival de Souza, e as críticas de cinema e teatro.

"Nascido para combater as coisas erradas da cidade — disse o jornalista — nem por isso deixa de reunir o útil ao agradável. Por exemplo muitas pessoas gostam de perquisição de preços, que deve conti-

nuar, talvez em outras bases, mais resumida. Também não pode ser deixado de lado o problema das favelas"

"Leio o Jornal de 2a. desde que surgiu, acho interessante porque diz a verdade com endereço certo, às vezes vai além, não precisa triturar tanto. Como profissional só tenho a parabenizar os que trabalham nessa editora, pois sei as dificuldades que enfrentam aqueles que se propuseram a entrar numa luta deste tipo" — finalizou o redator chefe do Jornal de Jundiáí.

O sapateiro Waldemar Costa, da Vila Hortolandia, vê uma grande importância no lançamento do Jornal de 2a.: "o jornal é a melhor coisa que surgiu nos últimos tempos em Jundiáí. Estava precisando

de alguém falar".

Sorrindo bastante, ele disse que esse semanário "é o único meio do pessoal saber o que de errado está acontecendo. Eu leio desde o primeiro número". Comprando seus exemplares na banca, Waldemar apontou satisfeito para o balcão de sua sapataria e confidenciou: "só aqui, tenho três ou quatro números".

Apesar de acompanhar o Jornal de 2a. somente há 5 ou 6 meses, Maria Aparecida Pelermo, acha-o muito bom e segundo ela traz coisas muito interessantes.

Ela é funcionária do Gabinete de Leitura Rui Barbosa e mesmo vivendo no meio de livros, não tem muito tempo para se dedicar à leitura.

A IMAGEM QUE VOCÊ VÊ, DEPENDE DA ANTENA QUE VOCÊ TEM.

TEMOS UM TIPO DE ANTENA PARA CADA NECESSIDADE

INDÚSTRIA DE ANTENAS JUNDIAÍ LTDA.

Loja: Rua São Bento, 126 — Telefone 6-8164
Fábrica e Escritórios: Via Anhanguera, Km 60,800
Telefones 6-1111 e 6-8142

MATERIAL MEDICO HOSPITALAR

ODONTOLOGICO.

AMBULATORIO

FARMACIA



Tannert & Stella Ltda

Rua Benjamin Constant, 259

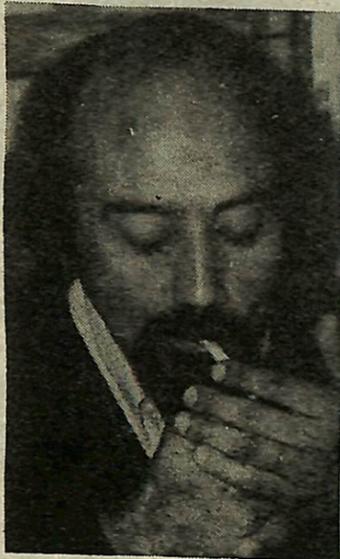
FONE 66159



Laerte França Silveira Ribeiro, advogado, praticamente participou da formação deste jornal e "na época - disse ele - ele foi criado com o intuito de esclarecer a população sobre certos fatos que estavam acontecendo em Jundiá, e que contrariavam os interesses do município". Na ocasião, se pensava em levar ao conhecimento público algumas concorrências públicas, alguns contratos de firmas, feitos todos sem obedecer aos critérios legais, pretendia-se informar sobre os demandos administrativos.

"Na minha opinião - comentou - este jornal atinge um círculo pequeno de pessoas, formada pela elite pensante da cidade, porque sua linguagem é altamente técnica, como por exemplo o Sandro Vaia, que me parece ter entrado numa fase surrealista do jornalismo, e o Erazê, que está demais saudosista".

"O Jornal de 2a., para mim - continuou - é muito válido, porque dos dois jornais existentes na cidade, das



Laerte

duas rádios e da Câmara, que dizem amém a tudo que o prefeito faz, este é o único que diz a verdade, e por isso é tomado como um jornal da oposição". Segundo Laerte, "este jornal servirá como marco histórico para a cidade, porque mais tarde, depois das eleições, é que saberemos relamente qual das duas partes está com a razão".

O auditor, comerciante, industrial, presidente do Conselho Deliberativo do Banco de Olhos e presidente da Associação Profissional dos Contabilistas de Jundiá, Marino Mazzei, acompanha o jornal desde a sua fundação. Na sua opinião "é um excelente jornal. Seus artigos são enfocados da melhor maneira possível, é um jornalismo realmente bem feito".

Marino acha que a vida do jornal é muito curta ainda para se sugerir alguma mudança, que "está bom como está", mas se caso passasse a diário, seria necessário incluir política exterior e política brasileira, além da municipal. Ele se enquadra mais no estilo do Erazê, por ser parecido com a sua maneira de escrever. Concluindo disse que espera que o jornal não seja como um cometa, que passe, brilhe e desapareça, ele espera que se fixe por aqui.



Marino

Elogiando muito os componentes do jornal, que segundo seu comentário "são de extraordinária cultura", Adolfo Massoti diz acompanhá-lo desde seu primeiro número. Ele falou que "existe a necessidade de se ter em Jundiá desse tipo, porque trata de assuntos políticos e foge da lenga-lenga dos outros jornais".

Ele prefere comprar o seu jornal nas bancas e logo que o abre procura ler as colunas do Erazê Martinho e do Simão, apesar de achar que o jornal inteiro traz as verdades sobre o município.

O administrador dos estações Satélite e Andradas, Walter Mazuia, é partidário deste jornal, porque acha que atende aos seus interesses

Ele disse que é leitor assíduo do jornal desde um mês de sua existência e que tem boa aceitação no meio em que convive. Gosta muito da coluna do Sandro Vaia, do Erazê Martinho e admira demais a capa, que, segundo ele, muito bem programada. Sugeriu ainda um futuro aumento das páginas do jornal.

Jayro Silvestre dos Santos encontrou com um dos diretores do Jornal de 2a. antes do início de sua circulação e, sabendo dos propósitos da empreitada, logo se tornou assinante. Ele diz que este semanário, fundado para fins políticos, "não deve acabar em novembro, quando terminará o drama de Jundiá". E prossegue:

- Na área, é o único porta-voz, é indispensável, e há edições que precisavam ser distribuídas de casa em casa.

Ele não se acha capaz de emitir um parecer crítico do jornal, mas disse que "um jornal que pretende atingir o povo, deve ter as seções dos similares, sem perder sua essência. Pode ser mais noticioso e manter o mesmo espírito opinativo".

Benedito Esdras Cintra, o administrador da Estação Rodoviária, recebeu muito bem a reportagem do jornal. Só que, para dar sua opinião, era preciso consultar o assessor de imprensa da Prefeitura, Rubens de Oliveira.

(N.R. - O assessor da Prefeitura, na realidade, é o jornalista Waldemar Gonçalves).

Um morador da periferia da cidade, o sitiante José Manoel da Silva, diz admirar a coragem deste jornal em dizer a verdade, em mostrar ao povo os erros da administração municipal, que ele chama de "gente grande". Ele acha que o jornal deve continuar, porque "as verdades devem ser ditas para que todos saibam".

José manifestou o seu desejo de que a "gente grande" procure sempre se comunicar com os sitiante para conhecer seus problemas e não apenas perto das eleições.

"Não adianta - disse ele - passar a plaina na estrada na sexta-feira para poder, no sábado, vir fazer comércio e passar macio com seus carros".

Na sua opinião, o Jornal de 2a. "é uma exceção, pois é o único que procura levar aos bairros o real conhecimento da situação que passa a cidade".



José Manoel

O secretário e administrador do Paulista Futebol Clube Osmar Reis, lê o Jornal de 2a. desde o início e na sua opinião "ele é bom, uma porque nele existe muita gente capacitada e inteligente para escrever sobre o que escreve e outra que uma oposição é sempre necessária, apesar de atacar muito". Assim mesmo, ele é um alerta ao povo, deve continuar e melhorar cada vez mais".

Osmar disse que procura sempre ler matérias referentes ao esporte, porque é o ramo que está mais ligado e complementou dizendo que política nunca lhe interessou. Acha ainda que o esporte devia ser mais divulgado, principalmente o Paulista, que é um time local, apesar de não ser dos melhores.

Procurando ficar por dentro de todas as iniciativas que aparecem na cidade, o dentista e presidente do Clube Jundiáense Romão de Souza, acompanha este semanário desde o começo. Ele, que é assinante, disse: "acho que sua equipe de fundadores deve ter razões para agir como age e que esta conseguindo mexer com a opinião pública".

Romão acha o jornal muito válido e que apareceu um pouco tarde, porque com ou sem razão, ele serve de alerta a população. faz com que muita gente pense duas vezes antes de fazer e não ficar concordando com tudo o que fazem.

Acrescentou ainda que deveria haver uma página de esportes, apesar de ser meio suspeito para falar, porque está demais ligado ao assunto. Achou muito boa a idéia da página Pessoas, admira e dá preferência a coluna de Erazê que na sua opinião "é um verdadeiro poeta e que não se aproveita disso e também ao Bartimeu, que possui um jeito especial para escrever".

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR
E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florença, 59 Tels. 6-4650 e 4-1489

Por Guido

RESTAURANTE Wyskeria

Carnes "Santa Gertrudes" Chopp-Claro e Escuro

**Aguarda a sua visita
Rosario, 670 - fone 4-3201**

ESTRUTURAS METÁLICAS

PROJETO - EXECUÇÃO - MONTAGEM

Plataformas - Estruturas Leves e Pesadas
"Shed - Duas Águas - Arcos"

Zomignani & Cia. Ltda.



ESCRITÓRIO JUNDIAÍ:
PRAÇA GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO, 24
CAIXA POSTAL, 801 - FONE, 6-5441

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

VILA LIBERDADE - nova, living, cop-coz., banh. 2 dorm area de serviço, depend. p/ emp., abrigo, etc... 450 mil. Pode ser financiada.
Oferta: Ribeiro

PARQUE DO COLÉGIO - mansão nova, com abrigo p/2 carros, living c/arm. e mais 1 banh., cop-coz., area de serviço, depend. p/emp., aquecedor central, etc. Pode ser financiada. **Oferta: Ribeiro**

SÍTIOS E CHÁCARAS

ANHANGABAÚ: - Area de terreno medindo 14x50, igual a 700 mt2, excelente local para prédio de apartamentos. Preço e condições nesta imobiliária.
Oferta: Recreio Lar.

PARQUE DO COLÉGIO - excelente localização, 3.200 m2, com 1 casa em construção e casa de caseiro, frente p/ 2 ruas.
Oferta: Ribeiro

BAIRRO DO ENGORDA-DOURO - 36.000 m2 (em frente do Clube Jundiaense) com 3 casas simples, lago (15x80), pomar, etc... lugar pitoresco. **OCASIÃO.** Aceita-se casa de menor valor, como parte de pagto.
Oferta: Ribeiro

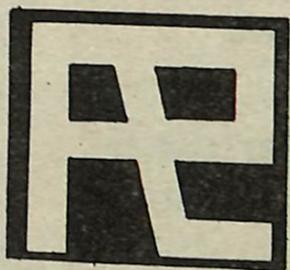
CENTRO: - Area de 1000 metros quadrados mais ou menos, local excelente para prédio de apartamentos ou salas para escritório, próximo ao Forum. Preço: Cr\$ 1.500,00 o mt2, estuda-se algumas facilidades.
Oferta: Recreio Lar.

RIO ACIMA - Duas com áreas de 40.000 e 84.000 m2. A 1a. só com mata e água corrente, a 2a. com mata, 2 córregos, casa simples, pomar e uvas. Lugar pitoresco e recreativo. Distância de Jundiaí 4 km. **OCASIÃO.**
Oferta: Ribeiro

CHACARA DE RECREIO OU MORADIA: - Area de 700 mt2, casa sede com 4 dormitórios sendo um tipo apartamento, sala, cozinha, banheiro e outro apartamento ao lado, toda cercada formada com arvores frutíferas, gramado e lindos bosques com mesa para churrascos, lago com peixes, 5 nascentes, toda iluminada com instalações embutidas, telefone urbano. Preço: Cr\$ 1.200.000,00 com 50% de entrada e saldo a combinar.
Oferta: Recreio Lar.

ANHANGABAÚ - área de 1.446 m2, ótima topografia.
Oferta: Ribeiro

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI



Recreio Lar
Imóveis e Administração
Av. Jundiaí, 667
Fones 6.4108 - 6.5888



RIBEIRO
IMÓVEIS

administração

e vendas

rua mal. deodoro da
fonseca, 479
tel. 6-6388

Nossos clubes estão de férias

Julho é o mês de férias escolares e como muitas famílias não podem viajar, as crianças têm poucas opções de lazer. Os clubes, como verdadeiros centros sociais, nada oferecerão de especial para os filhos de seus associados. Neste clima de frio desinteresse, as crianças parecem condenadas a ter mais tempo para assistir à televisão, cuja programação está muito longe de ser a ideal. Felizmente, as férias de inverno deste ano deverão ser mais curtas. De qualquer forma, apresentamos o que nossos maiores clubes programaram.

Numa programação normal, os clubes promoverão bailes de férias, homenageando os estudantes. Além disso, alguns estarão realizando torneios de futebol, e outras modalidades.

O Grêmio Recreativo dos Empregados da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, organizou um campeonato interno de Truco. Começou dia 4 deste mês e funciona pelo sistema de eliminatória das duplas. O Grêmio anuncia para seus associados, em setembro, torneio interno de "Tenis de Mesa".

Os associados da Sociedade Esportiva Caxambú terão os jogos amistosos realizados pela equipe de futebol dos veteranos. A equipe juvenil participa do campeonato amador, estabelecido pela Liga Jundiaense de Futebol.

Muitos Campeonatos

O Clube Jundiaense terá no mês de julho muitas atividades no campo esportivo para oferecer a seus associados.

Além do campeonato interno de futebol, que está acontecendo na sede de campo, o Clube organizou jogos de outras modalidades neste mês.

Terá início o "Gigantão", torneio de tênis que, pela quarta vez, é organizado pelo Clube Jun-

diaense. Reune jogadores de todo o Brasil, principalmente de São Paulo, de todas as categorias.

Este campeonato é realizado em duas etapas, sendo agora em julho a primeira e classificatória. A finalíssima será em setembro, quando sairão os vencedores.

Na segunda quinzena deste mês começa o "Campeonato de Voleibol", masculino e feminino apenas para adultos. Haverá também um campeonato de bocha e um de truco, cujas inscrições encontram-se abertas.

O Clube Jundiaense este mês além de se destacar nos esportes terá como atração a vinda de Clara Nunes dia 31 de julho e, dia 14 de agosto, está confirmada a vinda de Elizete Cardoso.

Muitos clubes de Jundiaí estão encerrando campeonatos realizados. O Tênis Clube fará, dia 9 deste mês, a entrega de medalhas e troféus para os vencedores do "Campeonato de Futebol Den-te de Leite". Oferecerá, depois, uma churrascada para todos os participantes.

A Esportiva, nestas férias, não promoverá nenhum campeonato, pois, como disse o diretor de esportes Edosn, em Setembro será realizada a "Olimpiada" que deverá perdurar por tres meses, com dez modalidades diferentes de esportes.

(Leo Briganti)

Textos
Desenhos
Anúncios
Logotipos
Folhetos
Cartazes
Comunicação Visual

Rua Dos Bandeirantes, 685
Fone 6-8066 Jundiaí

DECIO DENARDI

Escritório
de
Advocacia

dr. ademécio
lourenção
dr. alcimar a.
de almeida
dr. francisco
v. rossi

PESSOAS:

Carlinhos Pierobon



O sorriso co-anfitrião de Maria Grazia Messina e Lilians Venchiarutti.

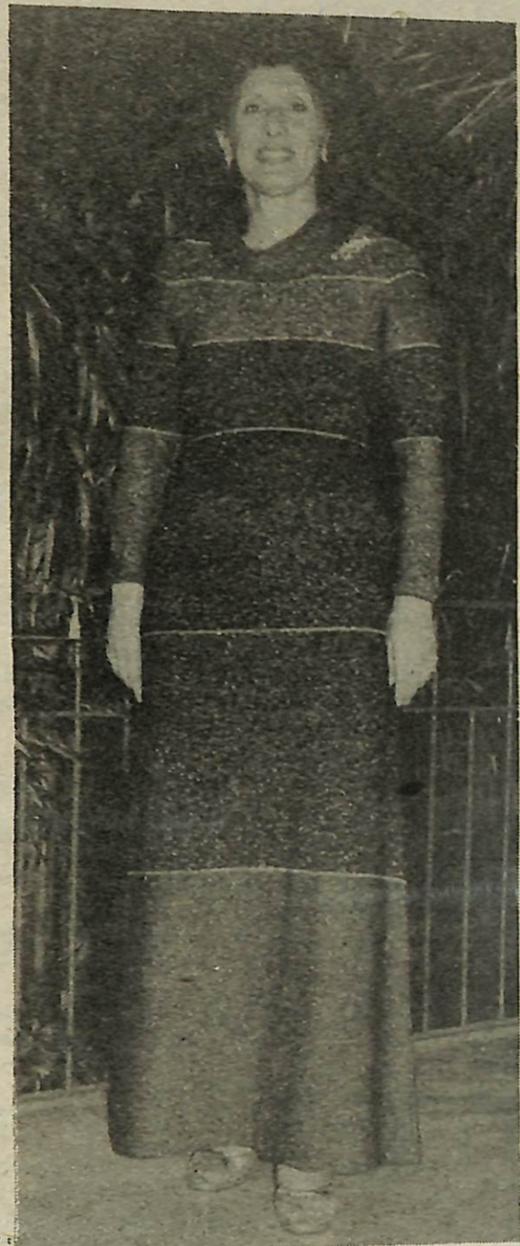


As Traldi, Glorita e Lícia ladeiam Lucia Garcia de Francesco.



Na biblioteca:

Leny Del Nero Marcondes, Diva Teixeira Coelho Saraiva, Lavínia França Silveira Ribeiro, Irene Naves Dal Santo e Virgínia Cassiano, num instante radical chic...



A anfitriã Wilmaleda Frahia Lourenção, vestindo prata na dourada noite.

Fotos: Carlinhos Pierobon

Chez Lourenção...

O must jundiaense esteve presente dia 26, à dourada noite em que Ademércio e Wilmaleda (nascida Frahia) Lourenção receberam pela visita de Núncio Apostólico no Brasil, Dom Carmine Rocco, do Bispo Diocesano de Jundiá, Dom Gabriel Bueno Couto, do Reitor da Pontifícia Universidade Católica, Dr. José Benedito Barreto da Fonseca e pró Feira da Amizade.

Descrever o gourmet do requintado buffet, os arranjos de flores (da própria Wilmaleda) e a música (programada pelos filhos Caio e Cassio) é repetir o muito que se tem dito e escrito dos Lourenção como anfitriões.

À entrada, a anfitriã (em lurex cinza prata) era coadjuvada por Maria Grazia Messina (vestia Pucci), Lilians Venchiarutti (eufórica com a viagem ao Oriente e China), Lida Scarparo e Maria Mazzali Galbarini (Viva à Barraca Italiana).

Lavínia França Silveira Ribeiro, Diva Teixeira Coelho Saraiva, Iris Duarte Paes, Neuza Lemos de Mello Barroso, Iracema de Araujo Vieira, Glorita Soares de Camargo Traldi, Leny Del Nero Marcondes, Lícia de Muzzio

Traldi e demais nomes e sobrenomes lotavam a biblioteca, lugar geralmente reservado aos homens, que desta vez servia de elo entre o vai e vem do salão principal aos jardins.

Já os homens mais importantes da cidade, dividiam-se em grupos ao redor da piscina e jardim de inverno, entre os muitos: Rubens do Amaral Gurgel (que melhor veste blaser), Fernando Saraiva, Vasco Antônio Venchiarutti, José Sarpi, Turillo Messina, Antônio de Araujo Vieira, Oswaldo Marchi, Geraldo Duarte Paes, Walmor Barbosa Martins, Heliomar Pontes Saraiva, Antônio Carlos Ferragut e Francisco Rossi que acompanhava as autoridades eclesiásticas.

As mulheres que sempre constaram das listas jundiaenses de elegância espalhavam-se pelos diversos ambientes da mansão da Rua do Retiro: Neuza Zaia Duarte Paes, Heleninha Barbosa Martins, Zizinha Bolini Kalaf, Minerva Sanford Saraiva e Mercedes Ladeira Marchi (em sensacional caftã turqueza e esmeraldas no colar)...

Wanda Latorre do Amaral Gurgel, recrutava casais para a dança, Nêga Ferraz falava

do batizado de Fabiana, filha de Helô Basile e Wilson Aiub, Stella de Lucca das pedras que curte: onix, turqueza e coral, Jeanine Delort de Almeida Leite que recebe em julho seus primos parisienses, François Vilnet e a esposa Annie, em férias no Brasil.

Ione Guatta Candioto vestia vermelho, a cor sensação de todas as coleções, Cida Sarpi em elegante tailleur de corte masculino, Doris Latti, da sociedade paulistana, na mais sofisticada linha chinesa em cinza e preto, que é apenas uma amostra do up to date da moda, na fechada noite.

Resumindo: era a reunião do chamado socialmente de "beautiful people" Pessoas que nasceram, cresceram e sempre constaram em todos catálogos da terra de Petronilha.

Já era domingo quando as últimas luzes se apagaram dando por encerrado mais uma bem sucedida página na vida de Jundiá.

Lembro Oscar Wilde, que sabia das coisas e dizia:

— Nunca fale desrespeitosamente da sociedade, só as pessoas que não podem entrar nela fazem isso.

"Eu adoro o mesmo Deus de vocês. Estudamos na mesma Bíblia. Sou um batista bastante fervoroso, como o mais fervoroso dos judeus". (Jimmy Carter, candidato à presidência dos Estados Unidos, falando a mais de dois mil judeus)

"Muitos pais, hoje, preocupam-se com as obras sociais, e até mesmo em aparecer nas colunas sociais, esquecendo-se dos filhos, que na maioria dos casos têm muitos problemas no próprio lar. Creio que deva existir uma maior compreensão por parte deles". (Paulo de Almeida Vinhas, delegado seccional de Santos, jornal Cidade de Santos, 20/6).

"Em São Paulo, o presidente do Conselho Estadual de Educação, Moacyr Vaz Guimarães, afirmou que, com a tentativa de intervir na Faculdade de Medicina, o prefeito de Jundiaí está procurando apenas criar uma crise artificial entre os alunos". (O Estado de S. Paulo, 4/6)

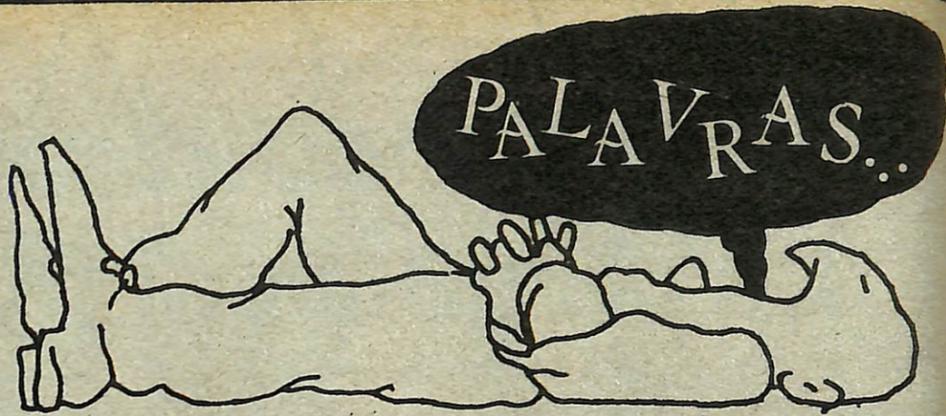
"No Brasil, infelizmente, um homem que atinge os 40 anos já é velho. Ele não tem mais oportunidades de ingressar numa empresa. Ainda bem que o governo, consciente dessa falha, determinou a idade limite para ingresso no serviço público de 50 anos". (Médico Frederico Azeredo Gomes, no Congresso de Geriatria realizado dias atrás em Porto Alegre)

"O papel da redação na formação do indivíduo está muito confuso. Professores ou, no máximo, pequenos grupos de professores, traçam seus caminhos individualmente. Mesmo a razão para se ensinar redação não é um tema bem definido — os professores apontam utilidades diferentes para esse ensino: a boa comunicação; um bom campo para se aplicar os ensinamentos da gramática; importante falta de aplicação no vestibular; e muitos outros. Outro problema é a falta de livros didáticos adequados". (Francisco Pedroso Lellis, professor de redação do curso Equipe Vestibulares)

"O Coríntios não precisa de técnico, mas sim de psicólogo". (Zezé Moreira, técnico do Cruzeiro)

"Os dias estão passando muito rapidamente e há um medo tremendo de que sua ausência se perpetue. Seria muito lhe pedir para você estar aqui como antigamente". (Jornal da Cidade de 20/6, seção Mulher)

"Pretendo terminar alguns contos, juntar com os do meu primeiro livro e



editar uma obra só de contos. Pretendo também ganhar na loteria Esportiva, para parar de trabalhar e me dedicar mais à literatura". (Ivan Angelo, jornalista e escritor)

"O sr. prefeito praticou atos que justificam medida judicial por parte desta Câmara, a fim de invalidar tais atos junto ao Poder Judiciário, bem como as medidas legais cabíveis contra o sr. prefeito, tudo em nome da legalidade e moralidade da coisa pública". (Conclusão da Comissão Especial de Inquérito sobre a concorrência vencida pela Construtora Andrade Gutierrez)

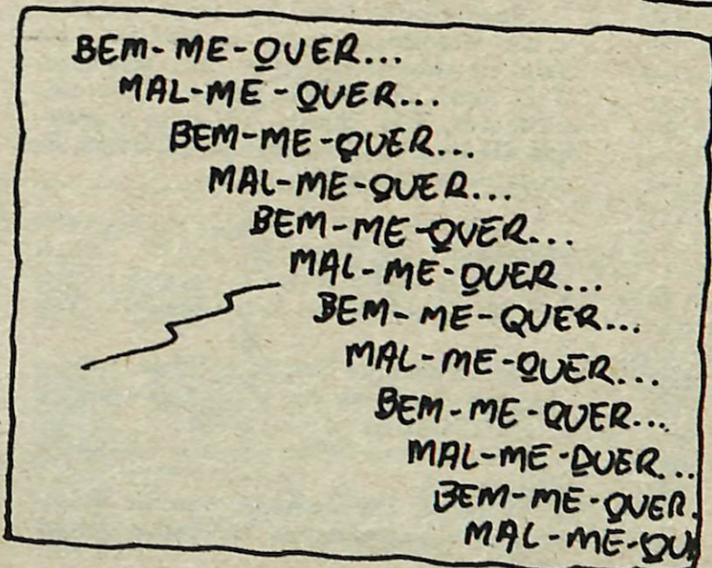
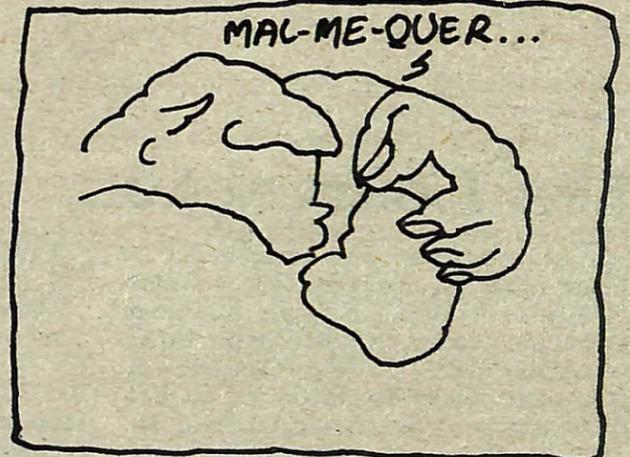
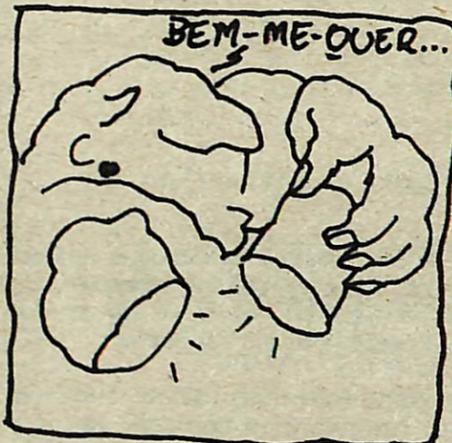
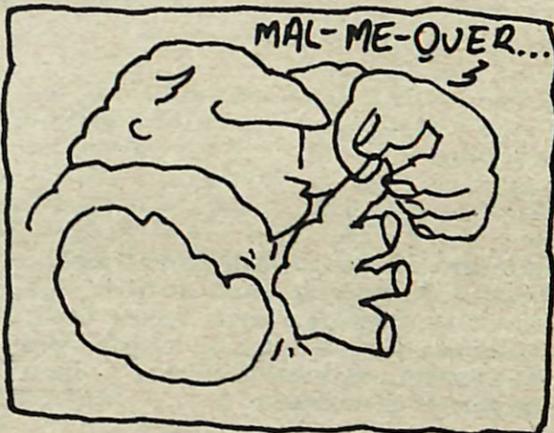
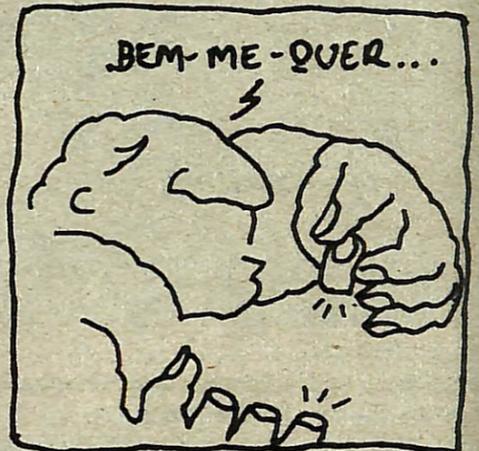
"Alguns meses depois, a legalidade e a moralidade da coisa pública seriam arquivadas discretamente, junto com o relatório da CEI, numa decisão da Câmara Municipal que contou com o voto favorável de alguns dos vereadores que, antes se mostraram preocupados em tomar medidas judiciais cabíveis contra o prefeito". (Jornal da Tarde, 8/6)

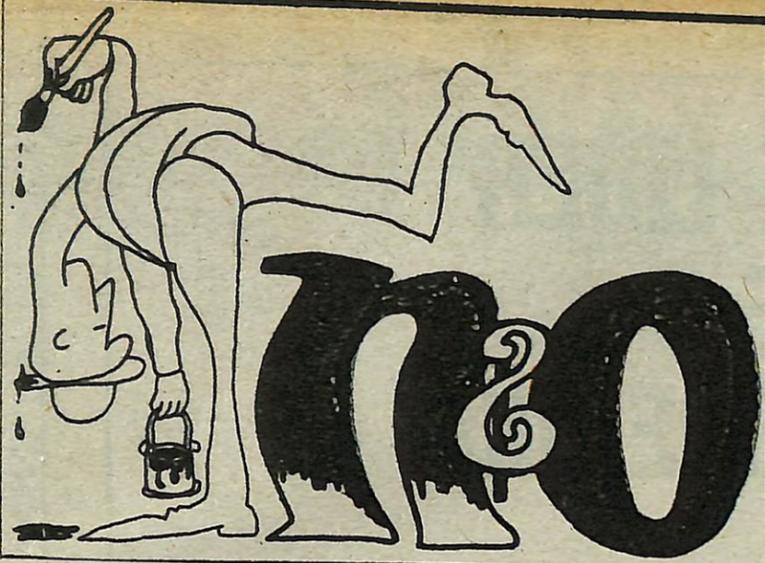
"As nossas sessões são abertas invocando o nome de Deus. Isto significa que os trabalhos legislativos devem pactuar dentro dos princípios da moral cristã". (Vereador Hermenegildo Martinelli, em discurso na Câmara Municipal, ao resumir o cargo)

"O que importa é termos a consciência tranquila do dever cumprido. Não são os homens que nós vão julgar um dia, mas Deus, na sua justiça suprema e soberana". (Do mesmo vereador, mesmo discurso)



DECIO DENARDI





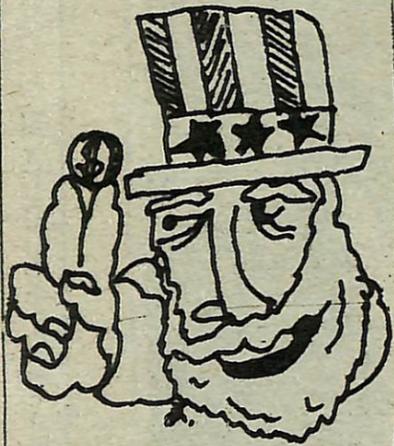
OS RISCOS DO CAFÉ

O presidente da Associação Norte-Americana de Café, mr. George Boecklin, estupefato diante da compra da companhia Hills Bros. (café solúvel) pela Copersúcar, afirmou: "É um fenômeno sem precedentes, um tipo de negócio inteiramente novo aqui nos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, representantes de outras companhias ianques não escondem sua preocupação pela "entrada de uma firma estrangeira, e produtora de café em uma área até agora explorada exclusivamente por empresas norte-americanas", diz o "Estadão".

Enquanto isso, no meu televisor, uma chama ardia num chaminé. (E.M.)

FRIENDS FOREVER



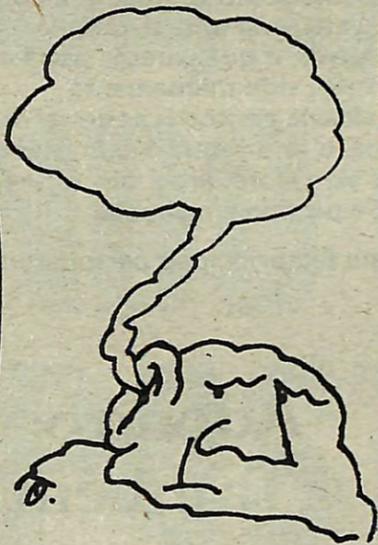
No mesmo jornal, no mesmo dia, na mesma página, estas duas notícias: dólar tem seu oitavo aumento este ano, indo a Cr\$ 10,80; Presidente Ford manifesta que manterá relacionamento especial com o Brasil.

Amigo é pressas coisas. (E.M.)

REALMENTE...

Recebemos a visita do sr. João Mezzalira Jr., presidente do SOS de Jundiá, que agradeceu a reportagem sobre a entidade que dirige e solicitou para retificar declarações sobre a participação da Prefeitura Municipal: na realidade a ajuda que vem recebendo tem sido valiosa e sempre presente. (V.T.)

PRÓXIMA ATRAÇÃO: O CINTO DA CASTIDADE



O colunista Esperidião Barbalhosa, do JJ, voltou aos tempos que seu próprio nome sugere, e num artigo chamado "O Desquite", investe contra esses modernismos que estão aí. O sr. Barbalhosa, espantado com o grande número de desquites que as varas cíveis estão registrando, descobriu a causa de todo esse desregramento. É que, segundo ele, os pais já não escolhem os noivos dos filhos, como acontecia antigamente. Segundo ele, com os pais escolhendo os noivos dos filhos, não acontecia esse devassidão que anda por aí.

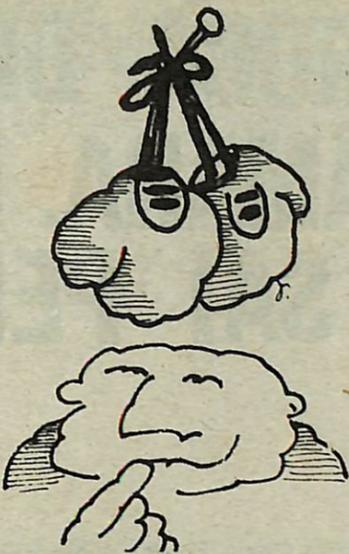
Agora só resta esperar o momento em que o sr. Barbalhosa vai começar a defender o cinto da castidade, o pelourinho para os escravos arredios, a palmatória nas escolas públicas e os véus muçulmanos para cobrir os ímpios rostos de todas as mulheres. O sr. Barbalhosa é um sujeito prá frente. (S.V.)

BATENDO BOLA

Com a participação de 123 filhos de funcionários, a Sfico do Brasil está promovendo um torneio infanto-juvenil de futebol de salão. A cerimônia de abertura foi dia 4, na quadra de esportes da empresa, ocasião em que os participantes das 16 equipes formadas prestaram o compromisso de atleta.

Para complementar, nesse mesmo dia, houve a disputa do torneio início. As equipes estão representando os departamentos onde os pais dos integrantes trabalham.

BRIGAR QUE É BOM...



A luta Clay-Inoki foi a única já vista em que os contendores não chegaram às vias de fato. (Kazuo)

PRA FRENTE ATÉ DEMAIS

Na última sessão da Câmara Municipal, o vereador Rolando Giarola apresentou projeto para concessão de título de cidadão jundiáense ao senador Petrônio Portela.

Esse é um vereador que vai pra frente! (E.M.)



Puff!

Preâmbulo é o indivíduo que anda no início da noite.

Van Gogh pintava de ouvido.

Axila é uma bolsa que se carrega debaixo do braço.

Alcatrão é um presídio norte-americano só para alcoólatras.

Similar é fingir que se é parecido.

Tombadilhos são moleques abandonados que assaltam navios.

Épico voltou da guerra com complexo de mãe.

Calipso é uma disritmia cardíaca que assolou os anos 50.

Diácono é um bate-papo entre religiosos.

Labirintos são caminhos construídos por via das dúvidas.

Estelionato é uma casa de caridade que abriga marginais.

Biliar é um jogo praticado sobre uma mesúcula.

A Sinfonia Inacabada foi composta com acordes amenos.

Caim destruiu a Torre de Babel.

Champollion é um molho francês para se temperar sopinha de letras.

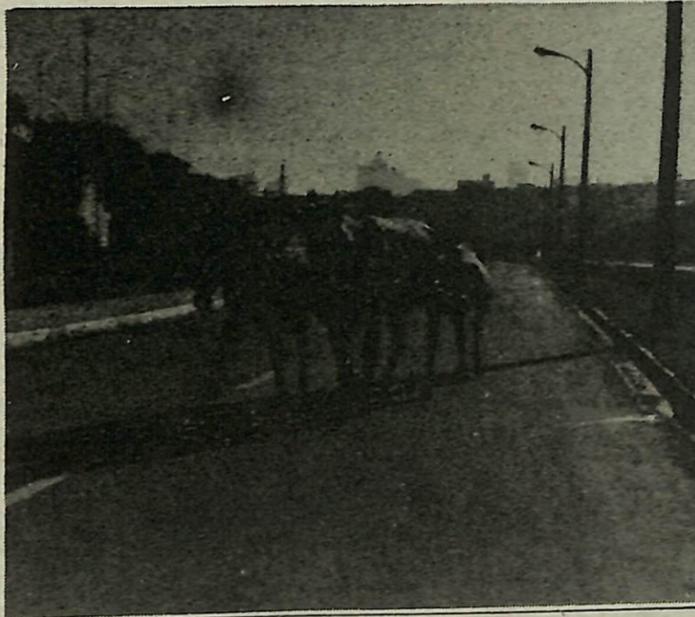
Talude é um instrumento medieval que se tocava à beira das estradas.

Cumbica é uma pequena vasilha usada para dar água às galinhas.

Creonte é um poderoso desinfetante grego.

Zarteu

PRIORIDADE É ISSO AÍ



Em boa hora a contratação de firma especializada para otimização do sistema

viário: alguém tem que ensinar os cavalos do Córrego do Mato a manterem a direita.

Foto Gelli
Rua do Rosário, 334
Fone, 4-2253

Pronto Socorro Veterinário
Rua Barão de Jundiá, 227
Fone — 6-7325

Foto Luiz
Rua São José, 27

Copacabana
O mecânico de seu carro.
Rua Dr. Antenor Soares
Gandra, 140
Fone — 6-4522

ARENA TROCA DE LÍDER NA CÂMARA. E O PREFEITO SAI PERDENDO.

Com um movimento de bastidores, oito vereadores arenistas, na última sessão da Câmara Municipal, destituíram o vereador Elio Zillo ("Favela, sinônimo de progresso") da liderança do partido. Em seu lugar foi colocado Adoniro José Moreira ("Sim"). O ofício que depôs Zillo foi assinado por Adoniro, Edmar Correa Dias, José Rivelli, Luiz Lourenço Gonçalves, Carlos Ungaro, Valdir Fernandes e Romeu Zanini. Os vereadores Antonio Tavares, José Silvio Bonassi e Hermenegildo Martinelli não assinaram. A troca do líder da bancada do prefeito, como não podia deixar de ser, provocou uma série de conjecturas. A primeira delas é que o movimento faz

parte da manobra para obtenção de uma legenda na convenção: Nassib Cury teria articulado tudo, para obter mais dois votos importantes na indicação de seu nome como candidato a prefeito. A segunda é que o ato seria uma represália da bancada ao prefeito, o que parece não ter sentido, já que os vereadores têm sido mansamente conduzidos pelo alcaide em todas as decisões importantes. De qualquer forma, o fato revela a animosidade existente entre os vereadores arenistas, reflexo talvez da própria situação do partido em Jundiá,

Sobre o caso, falam seu principais personagens.

Zillo:
"O cabeça
foi Adoniro."

Bem agasalhado na noite fria de quinta-feira passada, o vereador Elio Zillo aparentava conformismo pela perda da liderança do partido na Câmara. Contudo, confortavelmente instalado no sofá de sua casa, confessou sua surpresa por tão súbita movimentação para o tirarem do cargo.

Ele contou que "na política, tudo é possível", pois ocupava uma posição transitória. Como não apresentaram as razões para isso, também não se interes-



sou em sabê-las. Apesar da rápida manobra, sentiu, por volta das 20h30, que havia alguma coisa sendo preparada.

Cerca de uma hora mais tarde, Zillo teve certeza que "queriam me tirar da liderança. Eu achei que não iam conseguir as assinaturas em número suficiente, mas isso aconteceu". No entanto, respeita o que fizeram. Ele declarou que "não me afetou e vou continuar trabalhando. Se conseguir legenda, espero prosseguir, com meu trabalho".

Zillo sabe de algumas versões que estiveram sendo ventiladas na cidade e que "uma delas é que talvez não estivesse lutando pela bancada como devia. Acontece que sempre falei em nome da bancada para as reivindicações".

Dentro disso, reafirmou que sempre defendeu os interesses políticos de todos os vereadores, tendo cumprido seu dever de líder. Tanto que o vereador Carlos Ungaro chegou a segredar-lhe que "não temos nada contra você. Isto é uma represália contra o Prefeito".

PUXANDO O TAPETE EM SEGREDO

Zillo disse que viu, na tarde de quinta-feira, os vereadores Ungaro, Adoniro, Edmar e Luiz Lourenço reunidos na Câmara. Apenas não podia supor o que estava acontecendo. E, num tom dramático, finalizou:

— Ali já estava decidida a minha destituição. O cabeça, a meu ver, é o Adoniro, que pleiteou a liderança.

Logo depois, ele saiu de casa para o exercício de uma função com menos surpresas: era o padrinho de casamento de um amigo.

Adoniro:
"Também fiz
qualquer coisa."



Para o vereador Adoniro José Moreira, agora líder da bancada arenista, a destituição de Zillo era algo necessário porque "desde 73, ele ocupava o cargo e sofreu um desgaste. Os vereadores reclamavam sempre sobre isso e nós achamos melhor mudar a liderança".

Ele nega que tenha sido o mentor do movimento, mas admite que, ao saber da intenção dos colegas em indicá-lo para o cargo, "também fiz alguma coisa".

Sobre as versões do episódio, Adoniro diz que o motivo exato foi para melhorar a imagem do partido e que "não existe nova legenda. O que aconteceu foi um fortalecimento do Legislativo".